

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

TRABALHO DE GRADUAÇÃO

Lobotomia – *este não é um livro sobre dar a volta por cima.

Leonardo Alvim Barros

Monografia apresentada como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientação: Prof. Mestre Célia da Conceição Barros

São José dos Campos/São Paulo

2021

BARROS, Leonardo. Monografia apresentada ao Programa de Graduação da Universidade do Vale do Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais. São José dos Campos/SP. Orientação: Prof. Mestre Célia da Conceição Barros. Apresentação em São José dos Campos, SP, em dezembro de 2021.

Qualquer trabalho que se relacione ao *fracasso*, corre o risco de não ser levado a sério, então, antes que algo mais passe por sua cabeça, além de não dar a volta por cima, este trabalho é uma crítica ao sistema capitalista e seus conteúdos não são sobre arrogância, não pretendem causar o sentimento de pena.

Aproprio-me das palavras de Teto Preto, em ‘EM DÍVIDAS’:

“É sobre um vazio de ausência, num profundo pesar.

Fujo da pele de presa

De pobre coitada que perde a razão

Então sente e pague o meu salário

Aproveite a bocada

Fale por você, não por mim”.

DESAGRADECIMENTOS

A todos que me ██████████ com discursos de coletividade, deus, amor e esperança.

“Ser levado a sério significa perder a chance de ser frívolo/a, promíscuo/a e irreverente. O desejo de ser levado a sério é precisamente o que faz pessoas seguirem os já testados e comprovados caminhos da produção de conhecimento”

- Jack Halberstam, *A Arte Queer do Fracasso*, 2020 pg. 25.

rESUMO

Este manual/guia de campo tem como objetivo a extinção em massa das vontades humanas que perturbam e impedem a grandiosidade da vida pacata imposta pelo sistema capitalista vigente. Um guia para auxiliar o portador a deslizar entre situações cotidianas, da miserável escolha do pó de café matinal à decisão de agir nas honestidades e mesquinhas do egoísmo sistemático. O caminho para o mais fácil, conveniente, esperançoso, belo e abafado pela positividade em meio ao apocalipse e destruição generalizada, são questões constantemente abordadas. Têm-se como principais referências o disco musical Pedra Preta (2018) da banda Teto Preto, Miss Anthropocene (2019) de Grimes, Jessica Rabbit (2016) e Kid Kruschev (2017) de Sleigh Bells.

pALAVRAS-cHAVE:

LOBOTOMIA, SUBMISSÃO, MANUAL, GUIA DE CAMPO, FRACASSO.

aBSTRACT

This manual/field guide aims at the mass extinction of the human wills that disturb and prevent the grandiosity of the opaque life imposed by the current capitalist system. It is a guide to assist the carrier to slide among everyday situations, the miserable choice of the morning ground coffee to the decision to act in the honesty and pettiness of systematic selfishness. The path to the easier, convenient, hopeful, beautiful and sultry by the positivity amidst the apocalypse and widespread destruction, are questions that are constantly addressed. The main references are the musical album “Pedra Preta” (2018) by the band Teto Preto, “Miss Anthropocene” (2019) by Grimes, “Jessica Rabbit” (2016) and “Kid Kruschev” (2017) by Sleigh Bells.

KEY wORDS:

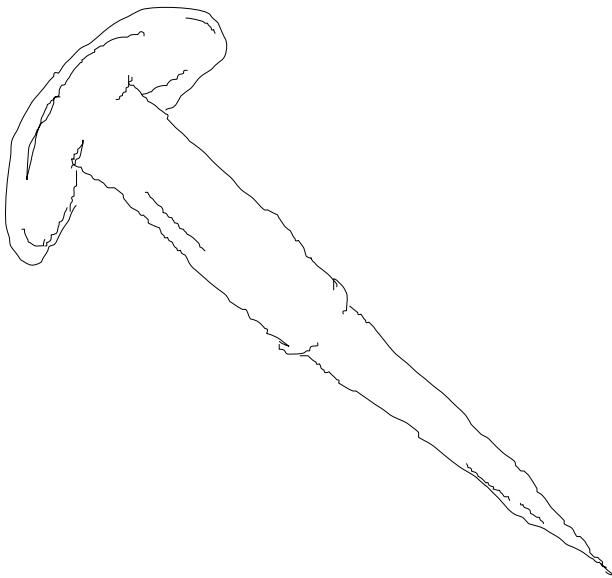
LOBOTOMY, SUBMISSION, MANUAL, FIELD GUIDE, FAILURE.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Leucotomia (Secção das fibras, técnica Freeman-Watts)	13
FIGURA 2 – Página 250 do livro de Antonio Carlos Barreto, 1945.....	14
FIGURA 3 – Lobotomia.....	15
FIGURA 4 – Positividade.....	16
FIGURA 5 – Capa do álbum Pedra Preta (2018) – Teto Preto.....	19
FIGURA 6 – Capa alternativa do álbum Miss Anthropocene (2019) – Grimes.....	21
FIGURA 7 – Capa oficial do álbum Miss Anthropocene (2019) – Grimes.....	21
FIGURA 8 – Capa do álbum Jessica Rabbit (2016) – Sleigh Bells.....	22
FIGURA 9 – Capa do álbum Kid Kruschev (2017) – Sleigh Bells.....	24

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. LOBOTOMIA, LAVAGEM CEREBRAL E OUTRAS PSICOCIRURGIAS.....	13
3. ANTÍTESE.....	17
4. MANUAIS E GUIAS DE CAMPO.....	28
5. RECONSTRUÇÃO E REFORMA.....	33
6. ἡγεμονία ἐπὶ τῆς ψυχῆς	37
7. DESCONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
8. PÓS-MORTOS – LIVRO DE AUSÊNCIA.....	61
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
10. REFERÊNCIAS DE IMAGENS.....	69
11. ANEXOS.....	70





INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende comunicar, através de um manual de instruções/guia de campo, pensamentos e sentimentos sobre a vida na sociedade contemporânea, expondo comportamentos aos quais humanos pertencentes ao mundo ocidental são condicionados pelo sistema em que vivem: como ignorar a realidade através de discursos pobres, fajutos, acompanhados de hipocrisia e falsa coletividade. Discutindo temas a respeito da saúde mental, positividade, sucesso, fracasso e religião, a fim de provocar reflexões de práticas, hábitos e maneiras de agir.

A partir de uma configuração de atitudes mundanas, busca-se desentender as escolhas as quais fazemos diariamente ao longo de nossa existência em sociedade, do que se diz e do que se faz, do que se revela e do que se omite, seja por uma cortina vermelha, uma porta de frigorífico, por construções sociais, hipocrisia sistemática ou pela positividade excessiva que nos consome e afunda em buracos inimagináveis. Tratando de temas existencialistas, culturas, do corpo, vontades e desejos tem-se como referências pensadores como Immanuel Kant, Jack Halberstam, bell hooks e artistas como Laura Díaz (Teto Preto), Grimes e Sleigh Bells.

O caminho para o mais fácil, conveniente, esperançoso, belo e abafado pela positividade em meio ao apocalipse e destruição generalizada, são questões constantemente abordadas neste trabalho com o objetivo de comunicar paradigmas socioculturais, identitários e políticos a fim de pensar os reflexos de comportamentos e posturas na sociedade ao decorrer dos capítulos: **1. LOBOTOMIA, LAVAGEM CEREBRAL E OUTRAS PSICOCIRURGIAS**, embasando o conceito de lobotomia, apontando a positividade tóxica e suas relações com o sistema capitalista atual. **2. ANTIÉSE**, discutindo a poética contraditória deste trabalho salientando sua oposição com Nise da Silveira através das referências principais: os álbuns *Pedra Preta* de Teto Preto, *Miss Anthropocene* de Grimes, *Jessica Rabbit* e *Kid Krushev* de Sleigh Bells. **3. MANUAIS E GUIAS DE CAMPO**, sobre a filosofia dos manuais, guias e demais documentos do gênero buscadores da instrução e orientação de pessoas. **4. RECONSTRUÇÃO E REFORMA**, costurando este trabalho à campos de desenvolvimento educacional que ultrapassam aspectos formais de ensino-aprendizagem. **5. REGRAS SOCIAIS DE COMPORTAMENTO**, as regras sociais de comportamento deste manual de lobotomia/guia de campo. **6. DESCONSIDERAÇÕES FINAIS**, encaminha esta pesquisa ao fim por temas associados a misologia, sociedade do conhecimento e

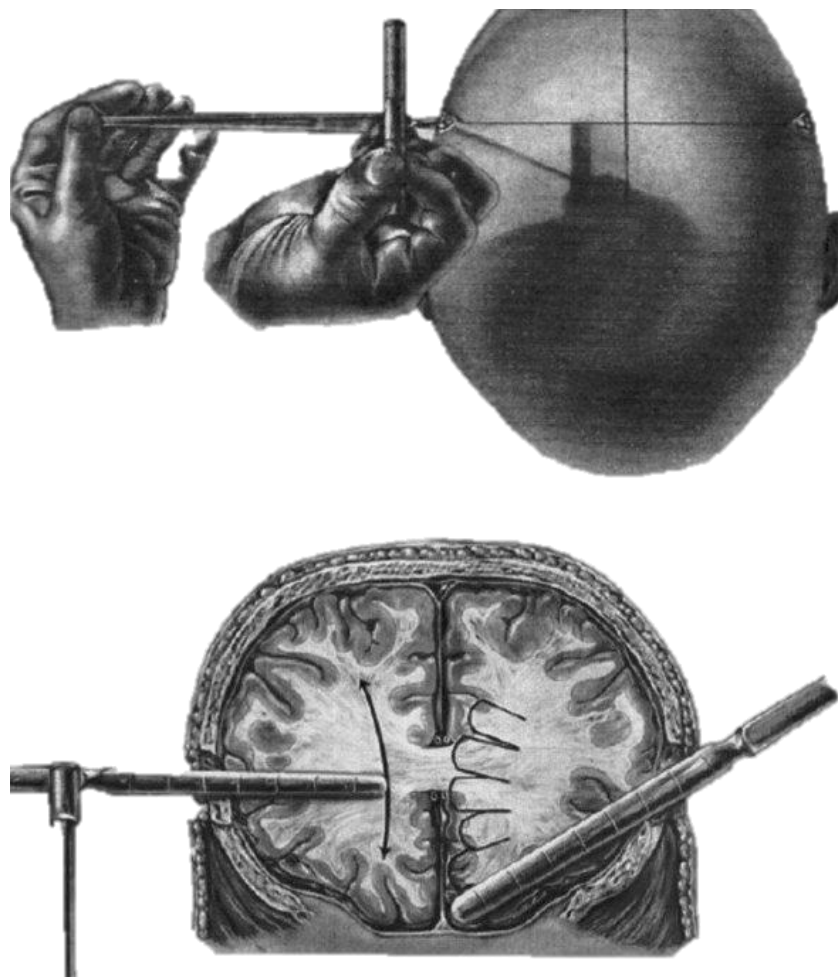
sociedade das ilusões. **7. pÓS-mORTOS – LIVRO DE aUSÊNCIA**, capítulo final onde, após a leitura, o indivíduo, prontamente, assinará seu nome em meio a lista de seres extinguidos neste processo. Um trabalho artístico-acadêmico que enfatiza a poética presente a todo instante enquanto explora e discute os métodos de produção de conhecimento por costumes e formalidades da vida banal em sociedade.



LOBOTOMIA, LAVAGEM CEREBRAL E OUTRAS PSICOCIRURGIAS

Para aqueles gostariam de se enquadrar, ter uma vida tipicamente comum, sem grandes preocupações, livre de distúrbios mentais e sem a perda da noção da realidade laudada pela sociedade, as psicocirurgias são a única saída antes do suicídio. Depois da pulverização das ilusões e delírios sobre nossas vontades, desejos, aspirações, sonhos, personalidades e sentimentos a respeito de absolutamente qualquer coisa, ser lobotomizado não soa tão ruim. Paz de espírito? Agora não há mais com que se preocupar. Nirvana, talvez? Não há mais sofrimento algum. Iluminação espiritual? Mas como é possível se você já morreu? E como morrer se você nem existe?

Figura 1 – Leucotomia (Secção das fibras, técnica Freeman-Watts)



Fonte: Yahn, 1946.

1- “A eletroconvulsoterapia (ECT) é um tratamento efetivo para certos subgrupos de indivíduos que sofrem de doenças mentais graves. Tais subgrupos consistem primariamente de pacientes com transtornos depressivos graves, catatonia, mania e, ocasionalmente, certos pacientes com esquizofrenia”.

Salleh, Papakostas, Zervas, Christodoulou, *Eletroconvulsoterapia: critérios e recomendações da Associação Mundial de Psiquiatria*, 2006.

A Leucotomia¹ surgiu na década de 1940 nos estados unidos pelo médico Walter Freemann e seu colaborador James Watts após o insucesso das terapias de choque e eletroconvulsivas¹. O procedimento consiste em fazer dois orifícios no crânio, inserir o leucótomo, instrumento afiado utilizado no procedimento, e movê-lo para frente e para trás a fim de interromper as conexões entre os lobos frontais e o resto do cérebro (Barreto, 1945), portanto, expurgar qualquer indivíduo fora do comum, ‘curando’ as mais diversas divergências psicopatológicas sociais: esquizofrenia, ansiedades, depressões, comportamentos ditos como anormais e até dores de cabeça. Desligando consciências de adultos e crianças em nome das coisas como são, status quo, moldes que definem a

maneira de pensar e agir. Pessoas transformadas em vegetais, que não pensam, não falam, não agem, não vivem e tão pouco, existem.

"Determinamos os pontos da incisão com a ajuda de um cordel e uma régua e os assinalamos com mercúrio-cromo. Estão localizados na região frontal a 3 cms. De cada lado da linha mediana, sobre outra linha perpendicular frontoccipital que passe a 3 cms, adiante do

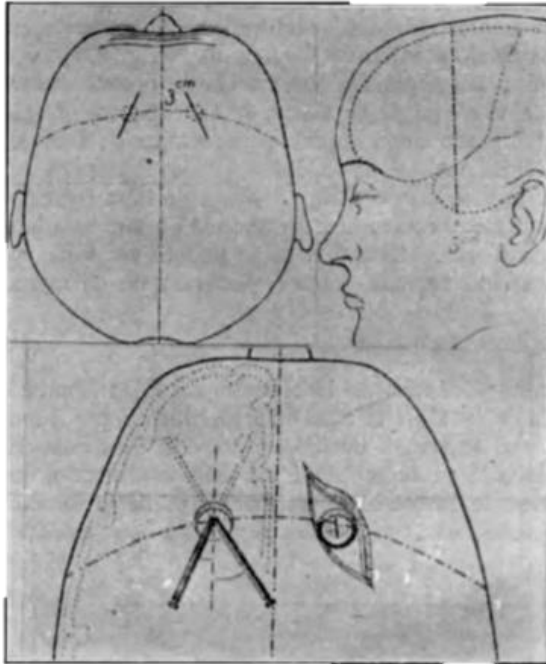


Figura 3 - figuras esquemáticas mostrando os pontos de incisão e a direção do leucótomo

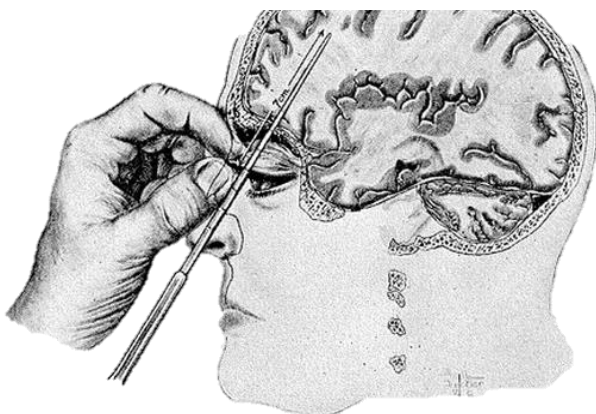
trago (fig. 2). O doente é posto na mesa cirúrgica em decúbito dorsal. Assepsia iodo-álcool ou álcool picrado a 2%. Anestesia local por infiltração: novocaína a 1%, 5 cc de cada lado. Incisão do couro cabeludo e periósteo. Com afastador auto-estável são separados os bordos da incisão; o periósteo é descolado com rugina. Trepanação com o aparelho de De Martel. Há pequena hemorragia óssea, que dura 2 a 5 minutos. Exposição e abertura da dura-meninge.

Saída de líquido. Incisão da pia-meninge evitando os vasos. Introdução do leucótomo com a alça recolhida até a marca 3 ou 4. Abre-se a alça e faz-se com que ela dê uma volta completa. Retira-se o aparelho com a alça fechada. Repete-se a mesma manobra com inclinação diversa, 2, 3, 4 ou 5 vezes, conforme o número de cortes desejados. Nos primeiros casos, fazíamos um ou dois cortes. Presentemente fazemos, sistematicamente, 5 de cada lado: dois externos, inferior e superior; dois internos, inferior e superior; um mediam). Nas retiradas do leucótomo, verifica-se a presença da substância branca na ranhura da alça. Antes da sutura do couro cabeludo, que fazemos com 2 ou 3 pontos de fio de algodão, colocamos na abertura do crânio o pó do osso para facilitar a hemostasia. Os pensos e pontos são retirados"

(BARRETO, 1945. pg. 250).

Figura 2 – Página 250 do livro de Antonio Carlos Barreto "Leucotomia Pré-Frontal A Egas Moniz, Técnica, Resultados Imediatos E Tardios em 100 Casos", 1945.

Figura 3 – Lobotomia



Fonte: *The Psychologist*, 2014

Os anos passaram e os métodos da Leucotomia mudaram, agora, procedimento atende por Lobotomia. E seus pacientes não precisam mais de furos no crânio e duas ferramentas cutucando seus cérebros para transforma-los em vegetais depois de cortar as ligações do pensamento, movimentos corporais, da fala, etc. Para a execução do procedimento, basta apenas martelar o lobótomo nos ossos frágeis atrás dos globos oculares para obtenção de resultados imediatos (BARRETO, 1945).

“.....

”

2 - André Luiz Masiero, *Lobotomia nos manicômios brasileiros*, 2003, vol.10 pg. 551.

²Terapias de choque, repetições, reprogramações, mensagens de superação, motivação, gratidão e esperança devastam nossas consciências de ações e reações sobre a realidade em que vivemos. Enquanto a lobotomia transmuta-nos em vegetais de carne e osso, as lavagens cerebrais³ nos convertem em robôs controlados pelo que consumimos, sem indagar quaisquer tipos de ordem⁴, ambientes, locomoções, hábitos alimentares, políticas públicas, etc. Sempre seguindo a música. A lobotomia acontece quando as múltiplas tentativas de lavagem cerebral falham.

Ser e pensar positivo sem iniciativa para mudar suas atitudes, não adianta de nada. É muito tênue a linha que divide as interpretações dessa frase, pois não me refiro a

3 - Manual da medicina

4 - Anthony Burgess, *Laranja Mecânica*, 1962

mudanças de hábitos alimentares para uma alimentação saudável, ou agradecer seu vizinho pelas frutas que ganhou, retribuir favores no escritório do trabalho, devolver as chaves que caíram do bolso de um estranho enquanto corria para pegar o ônibus. Estes acontecimentos não fazem do mundo um lugar melhor. Direciono este pensamento à hipocrisia da positividade, ao amanhã que será melhor mas não é, ao pregar a união e não dar a mínima para as pessoas ao seu redor, ao lavar as mãos das situações políticas e sociais do país e do mundo, ao dizer palavras amáveis de amor, progresso e esperança mas defender o estado das coisas, afundar-se na ‘energia positiva’ ditada pelo sistema capitalista, não muda a avassaladora realidade e a destruição apocalíptica generalizada, o mundo lá fora continuará a ser consumido.

⁵Halberstam, em *A Arte Queer do Fracasso*, relembra o exemplo do pensamento positivo para pessoas com câncer, “o quão perigosa pode ser a crença no otimismo” e “o quão querem acreditar que saúde é uma questão relacionada ao comportamento em vez de degradação ambiental, e que riqueza é uma questão relacionada a visualizar o sucesso e não ter as cartas embaralhadas de modo a favorecer a mão”. Muitos fatores determinam os resultados no mundo físico, bloquear e reprimir pensamentos negativos e permitir-se apenas a possibilidades agradáveis, certamente, não mudará fatos decorrentes de ações tomadas por seres humanos, sejam as emissões de gás carbônico, eleições federais, estaduais e municipais ou um simples silêncio ao presenciar uma situação insuportável de abusos vivida por outros.

Pensamento positivo não muda nossa volta, a crença e fé num futuro melhor não valem de nada se não acompanhadas de mudanças comportamentais nos mais variados âmbitos da vida. Não cabe a este trabalho oferecer e repensar alternativas para um futuro brilhante e utópico de sociedades acolhedoras que permitem a comunicação de nossos lobos frontais com o restante do cérebro e, assim, possibilitar a concretização de nossas vontades através da autonomia e liberdade. Busca-se apenas a sobrevivência física no modelo social macabro atual, desintegrando toda consciência de atos dos indivíduos lobotomizados, que partir daqui, batizaremos de |pós-mortos|.

Figura 4 - Positividade



Fonte: Página de Rodnei no Twitter, 2020.

aNTÍTESE

6 - Aurélio
Ferreira,
Novo
Dicionário
da Língua
Portuguesa
1986, ed. 2
pg. 133.

⁶**antítese.** [Do gr. *Anthítesis*, pelo lat. *anthitese*.] S. f. **1.** Figura pela qual se salienta a oposição entre duas palavras ou ideias; enantiose. Ex.: “Era porvir – em frente do passado, / A Liberdade – em face à Escravidão” (Castro Alves, *Obra Completa*, p.154); “Deixa que hoje me chame eternidade!” (Campos de Figueredo, *Imagem da Noite*, p. 15). **2. P.** ext. Qualquer oposição flagrante: O branco e o preto formam uma a n t í t e s e . **3.** Ser ou coisa que representa essa oposição; o oposto: O Diabo é a a n t í t e s e de Deus. **4. Filos.** Oposição, por contrariedade ou por contradição, entre dois termos ou duas proposições. [Cf. *dialética* (3).]

os escritos aqui inseridos não almejam qualquer tipo de poética uma vez que o leitor não deve possuir consciência.

Nise da Silveira, psiquiatra brasileira reconhecida por transformar o tratamento de saúde mental no Brasil em meados da década de 1940, por se voltar contra os métodos violentos de tratamento como eletrochoques e lobotomias em pacientes do Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Rio de Janeiro. Atuando no setor de terapia ocupacional e tornando-o em um campo de pesquisa com características científicas, e durante 28 anos (1946-1974) “diversas pesquisas foram desenvolvidas com o intuito, entre outros, de: registrar os resultados obtidos com a utilização de atividades; comprovar a eficácia dessa forma de tratamento; investigar efeitos nocivos dos tratamentos psiquiátricos tradicionais; comprovar capacidades criativas e de aprendizado dos esquizofrênicos. Nesse período, foram desenvolvidos, progressivamente, dezessete núcleos de atividades: encadernação, marcenaria, trabalhos manuais, costura, música, dança, teatro etc., nos quais procuravam-se oferecer atividades que estimulassem o fortalecimento do ego dos pacientes, a progressiva ampliação do relacionamento com o meio social, e que servissem como meio de expressão” (CASTRO e LIMA, 2007).

No processo da terapia, Nise da Silveira apresenta a contraproposta de tratá-los com psicoterapias, utilizando um ateliê artístico com o objetivo de resgatar a humanidade de pessoas que estão no final da linha, e refletindo sobre o que a psiquiatria da época está fazendo de errado. Em seus atendimentos buscava criar uma atmosfera de liberdade sem coagir os pacientes para que os sintomas pudessem encontrar espaço para expressão e não perdessem potência. “O exercício de múltiplas atividades ocupacionais revelava que o

mundo interno do psicótico encerra insuspeitadas riquezas e as conserva mesmo depois de longos anos de doença, contrariando conceitos estabelecidos” (Silveira, 1981, p.11)

Seu trabalho resgatou a humanidade, contra fatos não há argumentos. Mas estes escritos são a antítese da esperança e desespero, a sanidade e insanidade, é a oposição e contrariedade do comprovado. Uma alucinação ou lucidez a respeito de uma sociedade a beira do colapso no aguardo do cataclismo. Afinal, este não é um livro sobre superar as dificuldades.

“Quando eu voltei para El Dourado
 Não sei se antes ou depois
 Quando eu vi a paisagem mutável, a natureza
 A mesma gente perdida em sua infinita grandeza
 Eu trazia uma forte amargura dos encontros perdidos
 E outra vez me perdia no fundo dos meus sentidos
 Eu não acreditava em sonhos, em mais nada
 Apenas a carne me ardia
 E eu não me encontrava
 Apenas a carne me ardia”

Teto Preto – Gasolina

Nascido da necessidade de organizar pensamentos a respeito da vida coletiva, da sociedade brasileira capitalista ocidental e pandêmica, alumbrado pelas referências artísticas como: Teto Preto – Pedra Preta, Linn da Quebrada – Trava Línguas, Grimes – Miss Anthropocene e Sleigh Bells – Jessica Rabbit (anexo A), são bandas e álbuns musicais fundamentais na poética deste trabalho. Tratam da situação apocalíptica do planeta, e do futuro no qual já não há possibilidade de ser humano. Escreve-lo, é pisar e abandonar em tudo aquilo que uma vez reconheci, é dissociar o tempo todo numa tentativa de expurgo.

Um surto de realidade ou flagelo da simulação. É na força da farsa que este trabalho acontece, provar o que não reconheço, contudo reconhecer para existir. Apesar das palavras, não há pretensão de luto

PEDRA PRETA (2018) - TETO PRETO

te-to-pre-to /

gatilho de escurecer a visão;

estado físico que precede o desmaio;

7 - O termo *jam*, que em inglês também significa "geleia", vem das iniciais Jazz After Midnight; Tocar sem saber o que vem à frente, improvisação.

Teto Preto é a *jam session*⁷ eletrônica residente da festa Mamba Negra, que reúne músicos de diferentes backgrounds para sessions de livre improvisação. Música original, canções em ação, composição.

Já são sete anos de história. A primeira formação da Teto Preto foi em 2014, e, desde então, o grupo formado nas noites das fervidas festas paulistanas vem tomando os corações dos amantes da música disruptiva e da montagem. (POERNER, 2021).

Figura 5 – capa do álbum Pedra Preta (2018) – Teto Preto



Fonte: Página de Teto Preto no Spotify, 2018.

Laura Diaz é multiartista, videomaker e vocalista da banda, graduada em 2014 pelo Curso Superior do Audiovisual ECA-USP, com ênfase em direção, montagem e produção. Desenvolve trabalhos e pesquisa na área de produção cultural, audiovisual, música popular e eletrônica, estética e teatral enquanto atuadora da cena independente de São Paulo desde 2013 na direção geral do coletivo Mamba Negra. O processo criativo da artista cruza sua experiência em linguagens audiovisuais com o pensamento de produção e articulação entre outros trabalhos e parcerias. Sempre trazendo discussões políticas, de gênero, sociais, sexuais e culturais à tona por meio de intervenções artísticas coletivas.

Atualmente, suas principais atividades estão relacionadas à Mamba Negra, como artista, produtora artística e executiva e à Angela Carneosso, codinome de atuação na noite como cantora e performer. No trabalho com voz, alimenta as composições originais da banda que dialogam com questões existenciais e políticas além de usar a moda nas performances e na construção visual da Teto. “A gente faz uma música que é indissociável da moda, da política e do figurino. Na figura de Carneosso, eu trouxe essa discussão de cara. Como cantora e musicista, me identificando como uma mulher cis, entendo que, ao menos no Brasil e na indústria, ainda somos um pedaço de carne. Tudo o que não deve ser censurado, é. Então, sempre jogo com essa questão da nudez sem necessariamente sensualizar. O corpe

V
D
C
E
S
E
T
A
O

P
T
R
D
O
S

da mulher só pode existir na indústria desde que esteja em função de algum fetiche, do patriarcado e da manipulação. (DÍAZ, 2021).

A estranheza e o caráter contestador do *Pedra Preta* são os elementos que inspiram este guia de campo, ruídos e versos soltos à mercê da interpretação premeditada, o misto de desespero e aceitação e incerteza do existir que invade a mente de qualquer indivíduo ao longo de suas oito faixas: Safo, Ita, Em D+Ívidas, Gasolina Aditivada, Bica, Pedra Preta, Raio e Bate Mais.

⁸Consumido pela força das batidas, vozes berradas e ruídos eletrônicos que encolhem e crescem a todo instante, *Pedra Preta* reflete com naturalidade a atmosfera delirante da capital paulista, porém, sempre apontando para fora, como uma fuga desse mesmo universo. (FACCHI, 2018).

8 – Críticas
Teto Preto:
“Pedra
Preta”
Música
Instantanea.
com.br.

SO TEM UMA SAÍDA

MISS ANTHROPOCENE (2019) – GRIMES

Grimes é uma artista, cantora e compositora canadense. Enquanto estudava neurociências na Universidade McGill, em Montreal, integrou-se na cena musical eletrônica, industrial e começou a gravar suas músicas experimentais que tomavam mais tempo do que suas aulas na universidade. Algum tempo depois ela abandonou os estudos universitários para se dedicar exclusivamente a música, assinando contratos com as gravadoras: Arbutus, Roc Nation e 4AD (Miss Anthropocene) ao longo de sua carreira. Em seus quatro álbuns de estúdio, Geidi Primes (2010), Halifax (2010), Visions (2012), Art Angels (2015), o em questão, Miss Anthropocene (2019), e seu EP⁹ Darkbloom (2011), suas músicas são produzidas, em grande parte, por ela mesma.

Neste álbum, Grimes narra uma atmosfera pós-apocalíptica, onde não é preciso mais se preocupar com noções básicas de convivência pois o mundo já foi dominado por inteligências artificiais, não nos movemos mais, não nos amamos mais, apenas existimos para usufruir da tecnologia que nós mesmos criamos. Uma simulação assustadoramente próxima a realidade. Para além do título infalível “Miss Anthropocene” possui uma estética visual futurista que corrobora a construção sonora das letras musicais e batidas em suas faixas: So Heavy I Fell Through The Earth, Darkseid, Delete Forever, Violence, 4ÆM, New Gods, My Name Is Dark, You’ll miss me when I’m not around, Before the Fever, IDORU e We Appreciate Power.

9 – EP:
Extended Play
significa
“extended
play”, ou
“formato
estendido”,
em inglês.
Mas esse
formato, na
verdade, é
mais curto que
um álbum —
também
chamado de
long play.
MAJEWSKI,
2019.

Não sou tímida, ml nunca falar

Figura 6 – capa alternativa do álbum *Miss Anthropocene* (2019) - Grimes



Fonte: Página de Grimes no Spotify, 2019.

Figura 7 – capa oficial do álbum *Miss Anthropocene* (2019) - Grimes



Fonte: Página de Grimes no Spotify, 2019.

“Surpreendentemente ou não, as 11 faixas que compõem a *Miss Anthropocene* são liricamente mais ambíguas sobre esse tema ambicioso. Em vez disso, ficamos com uma narrativa complicada sobre a personificação da mudança climática por meio de uma cosmologia ficcional de demônios e vilãs celebrando vertiginosamente o aquecimento global como uma força benigna. Nesse sentido, *Miss Anthropocene* reflete o estado criativo em que foi feito: ‘negativo, agressivo e isolador’.

Quando Grimes se afasta do ‘*high concept*’ para examinar as formas íntimas e relacionais da erosão humana, *Miss Anthropocene* encontra alguma clareza. “We don’t love our bodies anymore,” (Nós não amamos mais nossos corpos), ela entoia sobre o deserto monótono de “Darkseid”, que também apresenta vocais metálicos do rapper taiwanês 潘 PAN. “So Heavy I Fell Through The Earth”, introduz este conceito, carregado por um padrão de bateria simples. É uma lamentação sobre as maneiras como as mulheres são domesticadas por meio de formas patriarcais de controle. “Especificamente como, quando um cara goza dentro de você, você fica escravizado”, disse ela em uma entrevista em abril de 2019, aludindo à sua relação com Elon Musk, que agora é considerado o pai de seu filho esperado. “O amor pode ser essa coisa linda, mas o amor é a única coisa que está estragando a minha carreira. A maior mudança ... é perder minha masculinidade hardcore. Eu costumava ficar livre de toda essa merda que todas as outras garotas estavam passando, e agora sinto que não estou. ’ (Ela está mais obcecada, jubilosa até, com o envolvente ‘IDORU’.) E em ‘Delete Forever’, ela muda o foco para o vício, com os vocais altos e claros na mistura enquanto canta sobre um maldito banjo: “I can’t see above it, guess I

Disfœra e um mundo

fuckin' love it, but I didn't mean to" (Não consigo ver além disso, acho que gosto pra caralho mas não queria ;-), É uma vinheta sublime e perfeita de niilismo autodestrutivo.

Miss Anthropocene emociona-se ao revelar uma evolução linear e refinada do interesse de longa data de Grimes pela nostalgia das raves e pela música pop atraente de todo o mundo. Em 'Violence', [...] ela alterna entre choramingar e rosnar para delinear as perspectivas de um relacionamento abusivo.

Muito sobre o som de Miss Anthropocene sucede a escolha de resumi-lo em um conceito distorcido - e misantrópico – sobre “O Meio Ambiente” [...] Múltiplos delírios estão no caminho dos humanos que consideram a emergência climática: que a riqueza traz liberdade, que a aquisição ilimitada e o crescimento descontrolado permanecem sustentáveis e que as instituições políticas e econômicas são atores inerentemente confiáveis. [...]. A destruição que os sistemas causam quando se trata de, digamos, papéis de gênero e conformidade social, capitalismo tecnológico e vigia, nacionalismo e exploração da terra, ou branquitude e negação patológica.” (MISTRY, 2021, Tradução livre).

JESSICA RABBIT (2016) e KID KRUSCHEV (2017) – SLEIGH BELLS

Figura 8 – capa do álbum Jessica Rabbit (2016)– Sleigh Bells



Fonte: Página de Sleigh Bells no Spotify, 2016.

Sleigh Bells é uma banda, mais especificamente uma dupla nova-iorquina formada em 2008 pela vocalista Alexis Krauss e o guitarrista e produtor Derek E. Miller. Praticantes de um maximalismo indiscriminado, o sobrecarregado *Noise Pop*¹⁰ domina todos os seus álbuns e incorpora elementos de gêneros como pop, metal e punk. A discografia é composta por quatro álbuns, *Treats* (2010), *Reign of Terror* (2012), *Bitter Rivals* (2013), *Jessica Rabbit* (2016), *Texis* (2021) e o EP, o *Kid Krushev* (2017).

10 - *Noise Pop* é um subgênero do rock alternativo ou indie que se desenvolveu em meados dos anos 80 no Reino Unido e nos Estados Unidos. É definido por sua mistura de ruído dissonante ou feedback com o songcraft mais frequentemente encontrado na música pop.

O disco em questão, Jessica Rabbit (2016) traz letras essencialmente dramáticas que criam uma atmosfera marcada pelos sentimentos de solidão e abandono acompanhada por instantes de explosões compostas por guitarras e batidas firmes orquestradas pela dubla. O álbum possui 14 faixas: It's Just Us Now, Torn Clean, Lightning Turns Sawdust Gold, I Can't Stand You Anymore, Crucible, Loyal For, I Can Only Stare, Throw Me Down The Stairs, Unlimited Dark Paths, I Know Not To Count On You, Rule Number One, Baptism By Fire, Hyper Dark e As If.

Starting line, now I'm really, really racin'	A lifetime just waiting around
Steppin' on throats, clippin' the knees	For moments like these
All that flesh and blood	(A lifetime waiting around)
The real thing	For moments like these
I can see the sun	(A lifetime waiting around)
Goin' down so rapidly	For moments like these
Free of wreckage	
Down below licking streets	And when you die
I believe deeply in decency (indecenty)	I wanna die, I wanna die with you
And when I'm conscious, I am cursed	And lay us down for good
Shark teeth the size of pickup trucks	And lay us down for good
All that flesh and blood	And when you die
The real thing	I wanna die, I wanna die with you
	And lay us down for good
And when you die	And lay us down for good
I wanna die, I wanna die with you	
And lay us down for good	All that flesh and blood
And lay us down for good	The real thing
	All that flesh and blood
Still torn down by a symphony	The real thing
I need something warm	All that flesh and blood
Like jet blast	The real thing
Cool breeze, cool G	All that flesh and blood
I'm having a hard time	The real thing
Remembering what's important to me	

7 -
Tradução
em
aNEXO
B.

It's Just Us Now – Sleigh Bells⁷

Des querem que a gente pule

Este manual se inspira na forma como a banda Sleigh Bells trata de suas questões sentimentais, arrancando-as e cuspidando-as aos berros e murmurejos dos vocais e guitarras. A moderação controlada no exagero, trazendo impactos que vão do lixo ao luxo encontrando conforto no desconfortável.

O EP Kid Kruschev (2017) motiva este guia, igualmente, por suas letras existenciais, suicidas e apáticas concomitante com a superação da realidade emergindo a possibilidade de romper com o conformismo da loucura.

Figura 9 – capa do álbum Kid Kruschev (2017)– Sleigh Bells



Fonte: Página de Sleigh Bells no Spotify, 2017.

Two minutes in and quieria
 mata.
 in love contra a vontade,

I used to drink gasoline in the morning
 And the middle of the day on the trampoline
 Summertime dreams, Billie Jean
 That left stains on the blue jeans
 And the downpours came like a freight train
 Filled swimming pools with acid rain
 Raise hell, damage, drink

I'll do it, I'll jump
 Not for kicks, not for fun
 But because this shit is too much
 It's fucking me up
 Enough is enough
 Enough is enough

Evidence of moral detours
 In the downtown holy wars
 Hysterical depths of casual hatred
 Taking place in everyday places
 Laughing hysterically
 At the comedies and the tragedies
 White trash, blue flame
 Blue trash, red rage

I'll do it, I'll jump
 Just for kicks, just for fun
 'Cause goddamn, this shit is too much
 It's fucking me up
 Enough is enough
 Enough is enough
 I used to drink gasoline in the morning

They want us to jump
 Just for kicks, just for fun
 Just to watch
 This shit is too much
 It's fucking us up
 Enough is enough
 Enough is enough

Blue Trash Mattress Fire – Sleigh Bells

9 – Queer é um termo para minorias sexuais e de gênero, que não são heterossexuais ou não são cisgênero. Originalmente significando "estranho" ou "peculiar", queer era usado pejorativamente contra aqueles com desejos ou relações homossexuais no final do século XIX.

11 – Clubber, termo em inglês, atribuído a pessoas que frequentam danceterias e na década de 90 ajudou a elevar o Techno (gênero musical) ao mainstream e a movimentar a vida noturna de grandes metrópoles.

Estudos *Queer*⁹, assim como qualquer outra área de estudo, se sustenta em princípios, modos de historiografia e lugares de investigação. Sendo assim, retoma-se o conceito de antítese que evidencia a relação de extrema importância de movimentos socioculturais, artísticos, a contracultura dos anos 1960, *happenings*¹⁰, atos de protesto e outros fenômenos culturais com forte teor subversivo, vinculados à cena artística LGBTQIA+, movimento punk e *clubber*¹¹ na construção deste manual/guia de campo. Por não se enquadrarem as regras, estes grupos são constantemente relacionados ao fracasso, problematizando os limites e hierarquias entre as culturas erudita, popular e massiva que vai na contramão de discursos utópicos, vazios e as iniquidades grotescas da vida cotidiana.

“De fato, conforme Heather Love, “o desejo entre pessoas do mesmo sexo está marcado por uma longa história de associação com o fracasso, impossibilidade e perda [...] Homossexualidade e homossexuais são bodes expiatórios para os fracassos e as impossibilidades de desejo (2009)”. E Guy Hocquenghem argumenta em *Capitalismo, a Família e o Ânus* que “o capitalismo transforma seus homossexuais em pessoas normais fracassadas, assim como transforma sua classe trabalhadora em uma imitação da classe média” (1993). Para Love, corpos queer funcionam dentro de um padrão psicanalítico como portadores do fracasso de todos os desejos [...] então o corpo queer e os mundos sociais queer se tornam evidências desse fracasso, enquanto a heterossexualidade está enraizada em uma lógica de conquista, realização e sucesso. Hocquenghem repudia o modelo psicanalítico e, no lugar dele, enxerga o capitalismo como a estrutura que marca o homossexual como alguém de alguma forma fracassado, como sujeito que não consegue personificar as conexões entre produção e reprodução. A lógica capitalista descreve o homossexual como inautêntico e irreal, como inapto para um amor apropriado e incapaz de fazer as conexões adequadas entre socialidade, relacionamento, família, sexo, desejo e consumo.” (HALBERSTAM. pg. 141, 2020).

Para citar Halberstam mais uma vez, “o capitalismo exige que todos vivam num sistema que iguala sucesso com lucro e conecta fracasso com a inabilidade de acumular riqueza” (2020). Sempre relacionados ao fracasso, os movimentos, nichos e fenômenos socioculturais citados como referências e inspirações deste manual/guia, assistem à escalada do processo contestatório de modelos concebidos como destrutivos no Brasil e no mundo. Trata-se da recusa a participação de ritos sociais consagrados, de uma

10 – De acordo com Guarnaccia, “O artista [...] vendo-se obrigado, a certa altura, por motivos de espaço, a levar suas obras para fora das galerias, ao ar livre, percebeu que, na realidade, o que estava fazendo não era obter obras de arte, mas ambientes que deveriam ser vividos. Da interação entre atividades orquestradas para entreter os espectadores e sua reação surge o happening” GUARNACCI A, Matteo. *Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura*. pg. 29-31.

configuração normativa amarga de autodesenvolvimento que proporciona oposições radicais a modos de respeitabilidade, relações de poder e a fabricação da loucura¹².

No filme “Trainspotting”, 1996, o personagem Renton discursa a respeito desta configuração: “Suponha que eu consiga pesar os prós e os contras, saiba que vou ter uma vida curta, tenha a mente sã, etc., etc., mas ainda assim queira usar heroína. Eles não deixam você fazer isso. Eles não deixam você fazer isso, porque é visto como sinal do próprio fracasso deles. O fato de que você simplesmente escolhe rejeitar o que eles têm a oferecer. Escolha a gente. Escolha a vida. Escolha pagamento de hipoteca; escolha máquinas de lavar; escolha carros; escolha sentar-se no sofá e assistir jogos que entorpecem a mente e esmagam o espírito, e enfiando comida ruim na boca. Escolha apodrecer, mijando e cagando em si mesmo em um lar, uma puta vergonha para os pirralhos egoístas fodidos que produzimos. Escolha vida.” (TRAINSPOTTING, 1996. Tradução livre).

~~Parecer uma falácia que não quer dizer nada.~~

A negatividade, fadiga, aborrecimento, tédio, indiferença, distanciamento, não ser direito, rejeição condescendente, falta de sinceridade e a extravagância orbitam pessoas LGBTQIA+, o movimento punk, nichos sociais e fenômenos culturais com forte teor subversivo, conseqüentemente, este manual/guia de campo. Portanto, falhar, bagunçar, foder, ser exagerada, rebelde e mal-humorada, gerar ressentimento, rebater, falar o que pensa, perturbar, assassinar, chocar e aniquilar é intrínseco a estes escritos. O trabalho de Nise da Silveira unido às referências artísticas musicais apresentadas de Teto Preto, Grimes e Sleigh Bells acumulam a poética contraditória no nascimento deste manual de lobotomia/guia de campo inspirado pela contracultura, a contestação social e movimentos artísticos subversivos, manifestando ostensivamente o desdém e menosprezo com escárnio e desprezo ao sistema capitalista, as relações sociais egoístas e o atual modelo materialista de progresso. A oposição, por contrariedade ou por contradição, entre estas referências teóricas e músico-visuais, ante este manual/guia de campo é o flagrante de seu epítome poético artístico.

12 – Aqueles que destoam, divergem, diferem, ..., e discordam dos padrões do que é considerado ‘normalidade’ é excluído, considerado inapto, desrazoado, imoralizado, indisciplinados ou loucos. Assim, a ‘normalidades’ procuram/ procuravam mante-los afastados do convívio social.

OLIVEIRA, 2010.

mANUAIS E gUIAS dE cAMPO

13 - Aurélio
Ferreira,
Novo
Dicionário
da Língua
Portuguesa
1986, ed. 2
pg. 1084.

¹³**manual.** [Do lat. *manuele.*] Adj. 2 g. **1.** Relativo a mão: *habilidade m a n u a l*. **2.** Feito com as mãos: *trabalho m a n u a l*. **3.** Que é manobrado ou acionado com as mãos: máquina *m a n u a l*. **4.** Maneiro (1). ~ V. *abecedário -*, *alfabeto -*, *câmbio -*, *composição -*, *margeação -*, *prelo -* e *terraplanagem -*. S. m. **5.** Pequeno livro. **6.** Livro que contém noções essenciais acerca de uma ciência, de uma técnica, etc.; compêndio, epítome: *m a n u a l de geografia*. **7.** Livro de ritos e rezas; breviário. **8.** *Mús.* Teclado de órgão. [Cf., nesta acepç.. pedaleira].

¹⁴**guia.** [Dev. De *guiar*] S. f. **1.** Ato ou efeito de guiar. **2.** Documento que acompanha a correspondência oficial e a isenta de pagamento de porte, ou que acompanha mercadorias para que tenham livre trânsito. **3.** Formulário usado em repartições públicas para pagamento de importâncias devidas, notificações, etc. **4.** Vara que assenta a empa da vinha. **5.** V. *remígio* (1). **6.** V. galocha (2). **7.** Cada uma das longas correias que se afivelam nas tesouras e se comunicam com o freio dos cavalos de tiro. **8.** Correia comprida que se afivela na argola do cabeção de um cavalo para exercício de picadeiro, ficando a outra extremidade na mão do picador. **9.** Peça que dirige o movimento do êmbolo das máquinas de vapor. **10.** Os pelos de cada um dos extremos do bigode: “a barba loura apartada em leque, o bigode torcido em grandes *g u i a s*” (Ramalho Ortigão, *Notas de Viagem*, p. 29). **11.** Art. Gráf. V. *baliza* (9). **12.** *Bras.* V. meio-fio (1): “Depois se equilibrou na *g u i a do passeio*, pesadamente desceu ao leito da rua.” (Antônio de Alcântara Machado, *Novelas Paulistas*, p. 246.) **13.** *Bras.* Bebida que se toma antes de outra. S. 2 g. **14.** Pessoa que guia, orienta outros. **15.** Pessoa ou profissional que acompanha turistas, viajantes, etc., chamando-lhes a atenção para o caminho por onde seguem e dando informações sobre ele e sobre as obras-de-arte, edificações ou coisas importantes com que vão deparando. S. m. **16.** Livro ou publicação de instruções acerca de algum ramo especial de serviço ou de qualquer assunto: *g u i ado criador de porcos*; *g u i a das mães*. **17.** Publicação destinada a orientar habitantes ou visitantes de determinada região ou cidade, sobre atrações turísticas, estradas, logradouros, horários de transportes, etc.; roteiro. **18.** *Marinh.* Cabo preso a um objeto que está sendo içado ou arriado, para lhe ir dando a direção conveniente. **19.** *Bras.*, RJ. Folcl. V. *orixá*. **20.** *Bras.* Folcl. Espírito de alta elevação e luminosidade, nos centros umbandistas. **21.** *Bras.* O vaqueiro que encabeça a boiada. **Guia de onda.** *Fís.* Tubo condutor, ou cilindro dielétrico, capaz de conduzir uma onda eletromagnética ou de irradiá-la para o espaço.

14 - Aurélio
Ferreira,
Novo
Dicionário
da Língua
Portuguesa
1986, ed. 2
pg. 876-877.

“O conceito da liberdade é a chave da explicação da autonomia da vontade. A vontade é uma espécie de causalidade dos seres viventes, enquanto dotados de razão, e a liberdade seria a propriedade que esta causalidade possuiria de poder agir independentemente de causas estranhas que a determinam; assim como a necessidade natural é a propriedade que tem a causalidade de todos os seres desprovidos de razão, de serem determinados a agir sob a influência de causas estranhas.” (KANT, 2014, pg. 39. tradução CARVALHO).

A Fundamentação da Metafísica dos Costumes, de Kant, é dividida da seguinte forma:

Primeira secção: Passagem do conhecimento racional comum da moralidade ao conhecimento filosófico.

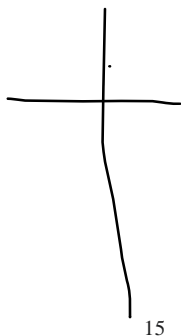
Segunda secção: Passagem da filosofia moral popular à Metafísica dos costumes.

Terceira secção: Último passo da metafísica dos costumes à crítica da razão pura prática.

“O objetivo de Kant com a Fundamentação da Metafísica dos Costumes é buscar um princípio de moralidade (origina-se na vontade moral pura, isto é, no próprio sujeito da ação) que fundamente os costumes, o agir moral. As leis morais orientam esse agir humano. Sendo o ponto de partida a boa vontade: a única coisa em si mesma. As qualidades morais que predicam as coisas não se encontram nas coisas mesmas. Dizemos que algo é bom ou mau, porém as coisas não são nem boas nem más em si mesmas. O homem é o único ser do qual se pode predicar a bondade ou a maldade, pois é ele que, ao mesmo tempo, em que realiza uma ação, almeja com isto alcançar uma finalidade. A predicação moral tem relação com a finalidade da ação humana, com aquilo que deseja e se tente realizar. Assim, temos a conclusão de que a única coisa que pode ser boa ou má é a vontade humana.” (SOUZA, 2004).

Ao contrário de Kant, em *A Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, este trabalho tem grande preocupação em articular, defender regras práticas de convívio e ser uma peça de ética aplicada. Etiquetas e instruções pautadas em como se comportar socialmente, pois o que destoa das normas é expelido e deve-se segui-las de forma acrítica. Não se busca negar os escritos de Kant, apenas inverter seus valores para que este trabalho encontre sentido em sua existência.

Este manual auxiliará na sobrevivência física da pós-morte de humanos lobotomizados para enquadrar-se a esta realidade bizarra. Depois de muito discutir sobre comportamentos e sociedades utópicas, dar murros em pontas de faca, falar com paredes, negar as normalidades sociais e almejar a irreverência, percorrer o caminho de volta para esquecer o mundo é ser cruel consigo mesmo. Mas estes escritos não são sobre liberdades de escolha e vontades, obedecer às normas não é uma questão de escolha, seguir o manual para enquadrar-se a sobrevivência pode até ser, se o preço é sua vida. As etiquetas e normas apresentadas são fundamentadas no princípio de deveres como puramente deveres, em outras palavras, o mundo é assim e não deve ser questionado.



1.º - Não terás outros deuses diante de mim.

2.º - Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.

3.º - Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.

4.º - Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.

5.º - Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.

6.º - Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.

7.º - Não matarás.

8.º - Não adulterarás.

9.º - Não furtarás.

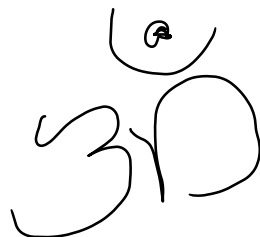
10.º - Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

11.º - Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.

Assim como nos mandamentos do cristianismo ensinados no livro sagrado, as possibilidades de questionamentos e a desobediência das ordens claras e evidentes providas por este manual, são punidas com uma vida desgraçada por suas próprias meias-escolhas, o não cumprimento das regras garante uma passagem só de ida para o inferno. A desistência de caminhar neste mundo é severamente punida com o mesmo destino.

No budismo, as normas são mais resumidas do que no cristianismo. Obediência com o pretexto de crescimento pessoal e espiritual. *“Aquele que observa os Cinco Preceitos está sempre alegre e satisfeito e sua boa reputação à distância será conhecida; seres celestiais amor e respeito por ele sentirão e sua vida neste mundo será com doce êxtase preenchida.”* (HSING YUN, 2011).

16 - Budismo
Significados
Profundos,
Venerável
Mestre Hsing
Yün,
Escrituras
Editora, 2ª
edição
revisada e
ampliada, São
Paulo,
dezembro de
2011. Cap.4



16

Evitar que prejudiquemos outros seres.

Ajudar-nos a criar bom carma, ou mérito, para nós mesmos.

Não matar.

Não roubar.

Não mentir.

Não ter má conduta sexual.

Não se entorpecer com álcool ou drogas.

¹⁷Chame do que quiser, regras, preceitos, etiquetas, sugestões... todos estes manuais serem apenas para o controle das vontades humanas. As coisas são como são, bem como as palavras e seus significados. A felicidade compulsória é um dos objetivos finais deste guia aqui descrito, assim como nestes outros manuais brevemente citados. A esta altura, podemos definir a felicidade como ferramenta de controle, bem como o amor romântico, representado pelo mito das almas gêmeas de acordo (Menezes, 2007) trazendo mais do que apenas um sentimento sobre alguém, mas um certo tipo de submissão usada para alienar e manipular escolhas de grandes multidões. O conceito de algo Bom, Belo e Verdadeiro, pilar central da vida do homem, promotor da perfeição e da felicidade plena, entrelaçada única e exclusivamente a terceirização da autonomia do ser.

17 - O Mito
do Amor
Romântico
– Maria
Célia de
Menezes,
pg. 559,
2007.

“Tais concepções, cujas origens remotas se encontram na tradição religiosa judaica e no pensamento filosófico grego, foram herdadas pelo cristianismo, manifestando-se na crença de que a história da humanidade se encaminha para o Apocalipse redentor dos justos e de que o universo material e o corpo humano são comandados pelo espírito: Deus, num caso, alma no outro” (CAPELLARI, 2007, pg. 101).

Afundar-se na lama da vida normal (DIAZ, 2018) é a brecha para o sucesso, livrar-se do sofrimento eterno. A submissão e reverência são o caminho para a paz espiritual e liberdade corpórea somente atingida após psicocirurgias. A lobotomia liberta o corpo. Este é o objetivo deste manual/guia de campo, mergulhar na normalidade em busca de se enquadrar, ter uma vida tipicamente comum, sem grandes preocupações, livre de distúrbios mentais seguindo a noção da realidade ditada pela sociedade. Depois da pulverização das ilusões e delírios sobre as vontades, desejos, aspirações, sonhos, personalidades e sentimentos a respeito de absolutamente qualquer coisa, ser lobotomizado não soa tão ruim. Como é possível sofrer se você já não existe?

<p>“Meus amigos secretos São curiosamente competentes Sobretudo, no não ser São tantas as palavras Que eles inventaram pra classificar A temperatura agradável Num dia ameno de verão Os fluídos, a renda, nosso útero A necessidade de abortar Meus lábios, a saudade, o mar</p>	<p>Quanto a mim Quero mais é apanhar Porque todo o resto foi pouco E o que quero não é desculpa, nem retratação Quero toda a vingança que nos cabe A vitória dos feridos A orgia da semântica O desacato à semiótica A juventude insubmissa No cataclismo último do capital”</p>
---	--

rECONSTRUÇÃO E rEFORMA

18 - Aurélio
Ferreira,
Novo
Dicionário
da Língua
Portuguesa
1986, ed. 2
pg. 1464.

¹⁸**reconstrução.** [De *re-* + *construção.*] S.f. **1.** Ato ou efeito de reconstruir. **2.** Edifício, ou parte dele, que se reconstruiu ou reformou.

¹⁹**reforma.** [Dev. de. *reformatar.*] S.f.. **1.** Ato ou efeito de reformar; reformação. **2.** Mudança, modificação, reformação. **3.** Forma nova. **4.** *Bras.* Aposentadoria definitiva de militar ao qual faltam condições físicas, mentais ou morais para serviço militar. [Cf. reserva remunerada] **5.** Substituição dum título ou contrato por outro, de valor igual ou diverso, por ocasião de seu vencimento. **6.** *Jur.* Modificação dum sentença judicial em grau de recurso. **7.** *Rel.* Conjunto de mudanças efetuadas na Igreja com o fim de torná-la mais fiel às formas de suas origens: *r e f o r m a dos cistercienses*; *r e f o r m a dos carmelitas*. **8.** *Rel.* Movimento religioso dos começos do séc. XVI, que rompeu com a Igreja Católica Romana, originando numerosas igrejas cristãs dissidentes. **9.** *Restr.* Protestantismo. **10.** *Tec. Quím.* Reformação (2). **Reforma Agrária.** Revisão da estrutura agrária dum país com vista a uma distribuição mais equitativa da terra e da renda agrícola.

19 - Aurélio
Ferreira,
Novo
Dicionário
da Língua
Portuguesa
1986, ed. 2
pg. 1471e
1472.

“O universo das artes é um dos grandes campos de desenvolvimento da educação não formal, quer se trate de projetos desenvolvidos por grupos ou por programas individuais de aprendizagem. Isso ocorre talvez pelas características da própria arte, que possui estreita relação entra a experiencia prática e a concepção final de uma obra, relação que ultrapassa aspectos formais de ensino-aprendizagem, adentrando no campo das habilidades, subjetividade, identidade, memória etc. Por isso os processos de aprendizagem em qualquer das formas de expressão ou linguagens das artes perpassam a educação não formal. Por seu potencial de criatividade e leitura crítica da realidade.” (GOHN, 2015, pg.7).

Retomo a definição de manual²⁰ para trazer a funcionalidade fútil desde guia na educação em espaços num mundo onde tudo se resume a bons exemplos, gratidão, superação, salvação, [...], e demais adjetivos do gênero com o objetivo de ocultar e revestir grandes problemas da humanidade para manipular e controlar a consciência dos indivíduos. Enfrentar o desafio de oferecer possibilidades não parece cabível neste trabalho, contudo, um ‘livro de ritos e rezas’ com o ideal da blindagem emocional de seus portadores, preza pela reconstrução de

²⁰**manual.** [Do lat. *manuale.*] Adj. 2 g. **1.** Relativo a mão: *habilidade m a n u a l*. **2.** Feito com as mãos: *trabalho m a n u a l*. **3.** Que é manobrado ou acionado com as mãos: *máquina m a n u a l*. **4.** Maneiro (1). ~ V. *abecedário -*, *alfabeto -*, *câmbio -*, *composição -*, *margeação -*, *prelo -* e *terraplanagem -*. S. m. **5.** Pequeno livro. **6.** Livro que contém noções essenciais acerca de uma ciência, de uma técnica, etc.; compêndio, epítome: *m a n u a l de geografia*. **7.** Livro de ritos e rezas; breviário. **8.** *Mús.* Teclado de órgão. [Cf., nesta acepç.. pedaleira].

20 - Aurélio
Ferreira,
Novo
Dicionário
da Língua
Portuguesa
1986, ed. 2
pg. 1084.

um projeto de vida e na reforma de valores sociais através da linguagem artística, como uma ferramenta capaz de instigar uma transformação no olhar do leitor ante a configuração social atual. Libertar-se de métodos rígidos na produção e obtenção de conhecimento para ampliar horizontes num processo dialético com a realidade.

Na procura por esta liberdade de métodos rígidos e por novos caminhos para a produção de conhecimento, busca-se apoio nos escritos teóricos de bell hooks. Professora, autora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense, que, desde a década de 1980 até os presentes dias, em suas obras, denuncia e expressa conexões complexas entre imperialismo econômico, supremacia branca e patriarcado através de uma linguagem acessível sendo referência para o entendimento de questões relacionadas gênero, raça e classe nas práticas culturais, acadêmicas, subjetivas e cotidianas: crítica à prática pedagógica, à produção cultural e reflexões sobre espiritualidade, amor e autoestima. “bell hooks” é seu pseudônimo, uma homenagem a sua bisavó conhecida na família por sua coragem de dizer a verdade. Nos Estados Unidos, década de 1950, nasceu e estudou no contexto de segregação racial, no qual a existência de mulheres negras estava limitada ao trabalho doméstico. Em sua adolescência, passou a frequentar uma escola dessegregada, e sua relação com a escola deixa de ser pura e alegre para uma realidade escancarado dentro do ambiente escolar. O incentivo que moveu bell hooks a escrever e publicar seu primeiro livro esta fincado ao feminismo negro nos anos de 1970 e 1980, sua luta envolvia demandas por espaços acadêmicos e editoriais.

“Para construir a minha voz eu tinha que falar – e falar foi o que fiz – lançando-me para dentro e para fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando. Nem preciso dizer que as punições para esses atos discursivos eram infinitas. Elas tinham o propósito de silenciar – a criança, mais particularmente a menina. Se eu fosse um menino, eles teriam me encorajado a falar, acreditando que assim, algum dia, eu poderia ser chamado para pregar”. (HOOKS, 2019, pg. 32)

A produção de bell hooks convoca a repensar o mundo à nossa volta e as nossas ações. São teorizações construídas rente ao corpo, em que forma e conteúdo estão a serviço das transformações éticas. Ela consegue denunciar opressões sem resvalar para maniqueísmos e essencialismos. Uma prática narrativa que, mesmo tratando de assuntos complexos, convida para a conversa e o para o encontro. (ALMEIDA, 2019).

Assim como Nise da Silveira, hooks apresenta contrapropostas de ‘resgate da humanidade’ de pessoas, refletindo sobre comportamentos em métodos de aprendizagem e o que a educação está fazendo de errado (estudantes e professores). Em suas aulas, busca criar uma atmosfera de liberdade sem compulsar, constranger ou oprimir os alunos para que pudessem encontrar espaço acolhedor para discussões, expressão e não perdessem potência no processo de troca de conhecimento.

Em seu livro “Ensinando a transgredir”, hooks fala sobre a dificuldade sistemática que muitos professores têm de renunciar a ideias antigas para abraçar novos modos de pensamento, mesmo aqueles que não são resolutamente apegados as maneiras de *praticar o ensino*, aqueles que fazem experiências pedagógicas mais progressistas também tem medo de mudar (2013). Este problema, como dito, é sistemático, portanto, não parte apenas dos professores. O impulso de experimentar²¹ as práticas pedagógicas não é bem recebido por muitos estudantes acostumados as maneiras tradicionais de ensino. “É preciso um compromisso fortíssimo, uma vontade de lutar, de deixar que nosso trabalho de professores reflita as pedagogias progressistas” (HOOKS, 2013, pg. 191). Ela diz isto em relação ao ensino formal e universitário, esta reflexão é cabível em diversos, senão todos, os âmbitos sociais: levar as coisas a sério e não as deixar apenas no imaginário, se buscamos a mudança, lemos sobre a mudança, consumimos a mudança...só nos resta praticá-la. E não apenas em ambientes específicos, ou associá-la a nichos específicos de pessoas, todos somos responsáveis pela sociedade na qual vivemos, para tudo que fazemos e escolhemos²² há uma consequência. Fazer nada também é algo, a dualidade poética deste manual de lobotomia/guia de campo reside aqui.

A autoridade dentro da sala de aula, também é um grande problema que reflete em muitos âmbitos da sociabilidade. Para hooks, se estamos dispostos a ouvir um estudante, mas damos as costas imediatamente às suas palavras, obliterando-as, apresentando a ilusão de que sua voz é ouvida, o estudante não é capaz de se ver como um sujeito digno de ter voz. Como educador, deve-se sempre reconhecer a posição presente e não cair em falsas ideias de que todas as vozes têm o mesmo peso, afinal, “enquanto o professor, individualmente, for a única pessoa a avaliar o trabalho dos estudantes e dar notas, nosso lugar dentro da sala de aula jamais será de iguais”. (HOOKS, 2020, pg. 98).

Em sua obra, bell hooks trata de questões fundamentais de sociabilidade, nas quais “a experiencia deve ser tão valorizada quanto as informações factuais, e em que há de fato espaço no processo de aprendizagem para contar histórias pessoais” (2020). Para ela,

21 – bell hooks, Ensinando a Transgredir 2013, pg. 191

22 – Aqui não entrarei nas discussões a respeito das “escolhas” que fazemos ou que fazem por nós.

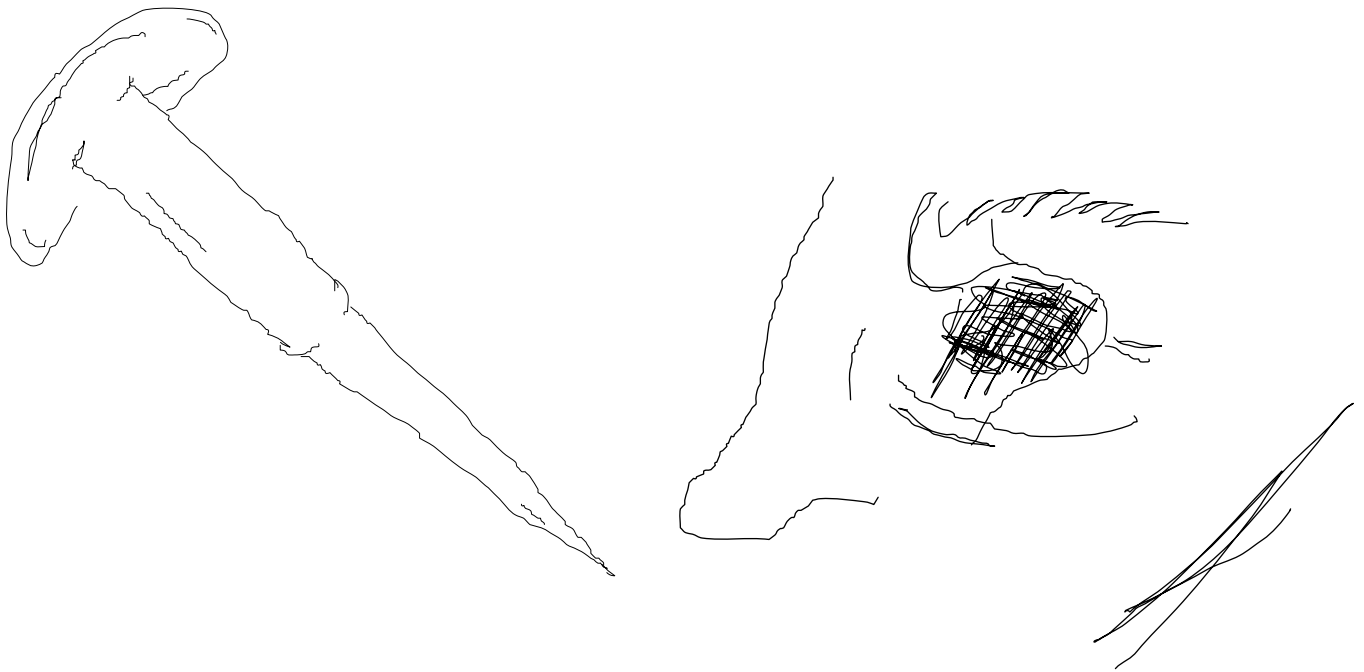
expor-se através de histórias pessoais é uma maneira de educar, de construir uma comunidade e promover uma atmosfera de cooperação, não de competição, ampliando as formas de saber e desmascarando arranjos corporais que escondem a realidade. “O mascaramento do corpo nos encoraja a pensar que estamos ouvindo fatos neutros e objetivos, fatos que não dizem respeito à pessoa que partilha a informação. Somos convidados a transmitir informações como se elas não surgissem através de nossos corpos” (HOOKS, 2013, pg.186). A escolha de palavras, do tom de voz, postura corporal, vestimentas etc. são fundamentais na perpetuação, ou não, das condições hierárquicas e das relações de poder na sociedade como um todo. É preciso conscientizar-se a respeito de comportamentos sociais, não os reproduzir de forma geracional, como a herança do passado conservadora de opressões e autoritarismos sufocadores da transformação social.

Desse modo, os fins deste manual/guia apoiam-se nas obras de bell hooks e sua procura pela horizontalidade dos poderes e autoridades na educação, bem como a validação de outros métodos da produção de conhecimento, uma vez que seus trabalhos foram considerados “não acadêmicos, ou não suficientemente acadêmicos” (HOOKS, 2013, pg. 177).

Esta é a maior razão pela qual este manual/guia de campo é idealizado, na base busca-se a maior horizontalidade possível nas hierarquias e relações de poder para que na poética, possa-se, finalmente, enquadrar-se as regras e verticalizações da vida. Ou que, experimentalmente, sirva de reflexão sobre acontecimentos do cotidiano, denunciando opressões e criticando valores sistemáticos socioculturais na contramão de racionalizar e simplificar práticas sociais e políticas que tem o lucro como principal motivação. A linguagem artística como ferramenta para enfrentar os desafios e oferecer possibilidades de transformação do olhar, almejando também a ampliação, reforma e reconstrução dos horizontes da produção de conhecimento por estes escritos disponíveis a manuseio e leitura com a finalidade poética de assistir na tomada de decisões cotidianas, enquanto revisa a estrutura regradada da sociedade com vista a aposentadoria definitiva de costumes banais incapazes de fazer as conexões adequadas entre sociabilidade, relacionamento, família, sexo, desejo e consumo ao qual faltam condições físicas, mentais ou morais para seu sustento.

MANUAL

LOBO TOMIA DE



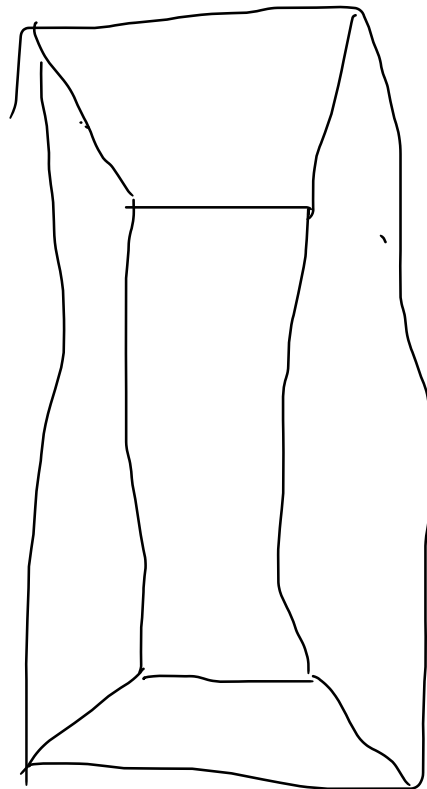
UM GUIA DE CAMPO PARA AUXILIO

À VIDA NESTE MUNDO

DESGRACADO

O ideal deste manual/guia de campo é a extinção em massa das vontades humanas que perturbam e impedem a grandiosidade da vida pacata imposta pelo sistema capitalista vigente. Um guia para auxiliar o portador a deslizar entre situações cotidianas, da miserável escolha do pó de café matinal à decisão de agir nas honestidades e mesquinhas do egoísmo sistemático. Se a mudança não é uma opção, então aprendamos a viver neste mundo desgraçado pelo homem.

ultima coisa que
vi na minha
vida

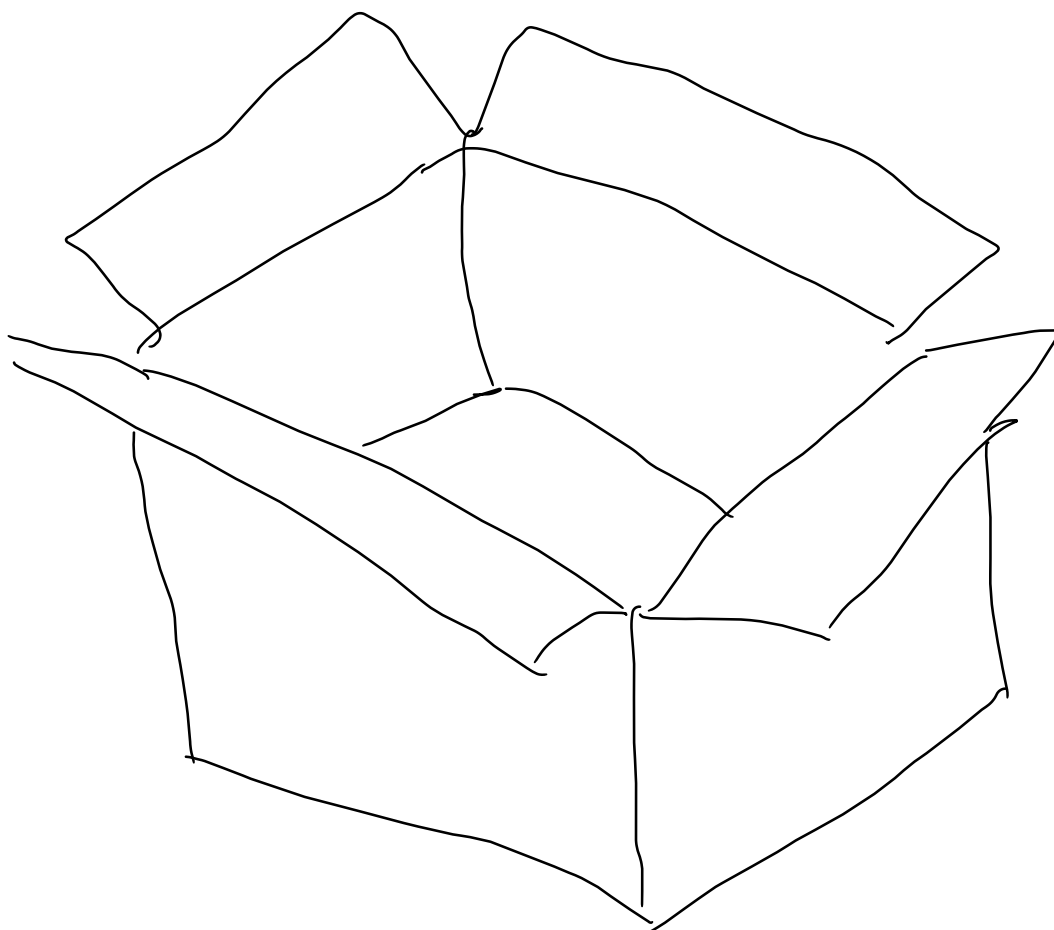


E sorpreta quem você

e



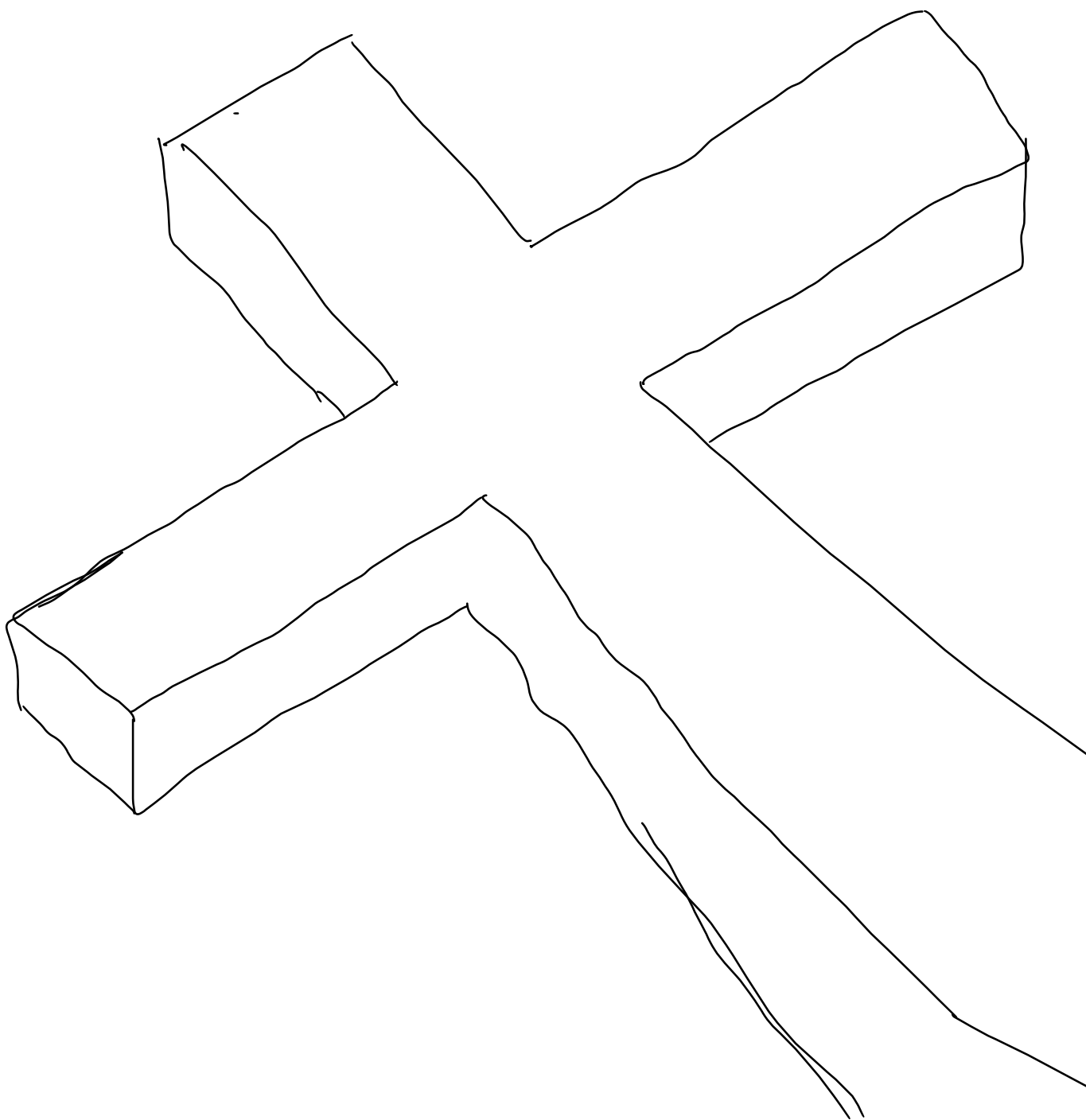
Abandoned swags
Ventools



Não questione nada



Defenda o estado
das coisas



Trabalhe sozinho

foi-se a detira-

dadu e não se

importa com os

outros

ultime o ego -

trava

Viva numa realidade
alternativa



Fazer o mínimo para o
mundo lá fora.

LEMBRE-SE

O MUNDO

É ASSIM



NADA DÓDE

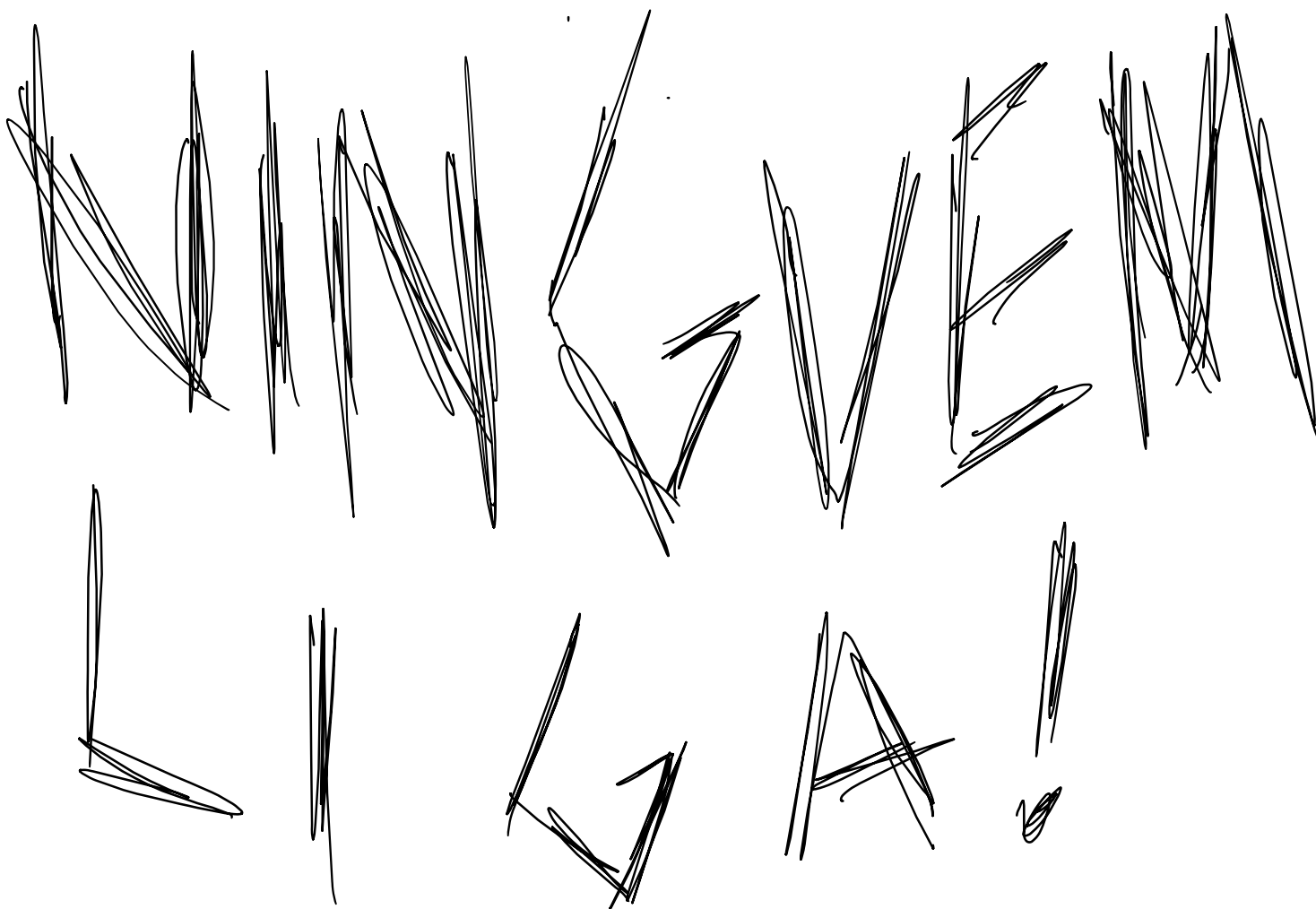
MUDÁ-LO

Não tente fazer nada,
não inicie situações
espera sempre pelos
outros. Só tente mudar
quando os outros
quiserem! Se não
você
migre

Nunca diga
moda.

em situações

alguma



Paga o que queres

ou seja e fica o que
dizem ser feito

SUA UNICA

OPRIGACAO

É O

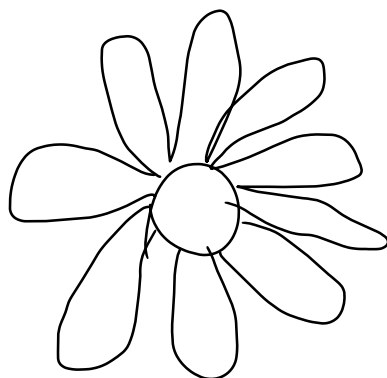
DINHEIRO!



Luta a

favor da

esploração



imposto

no

contradictório

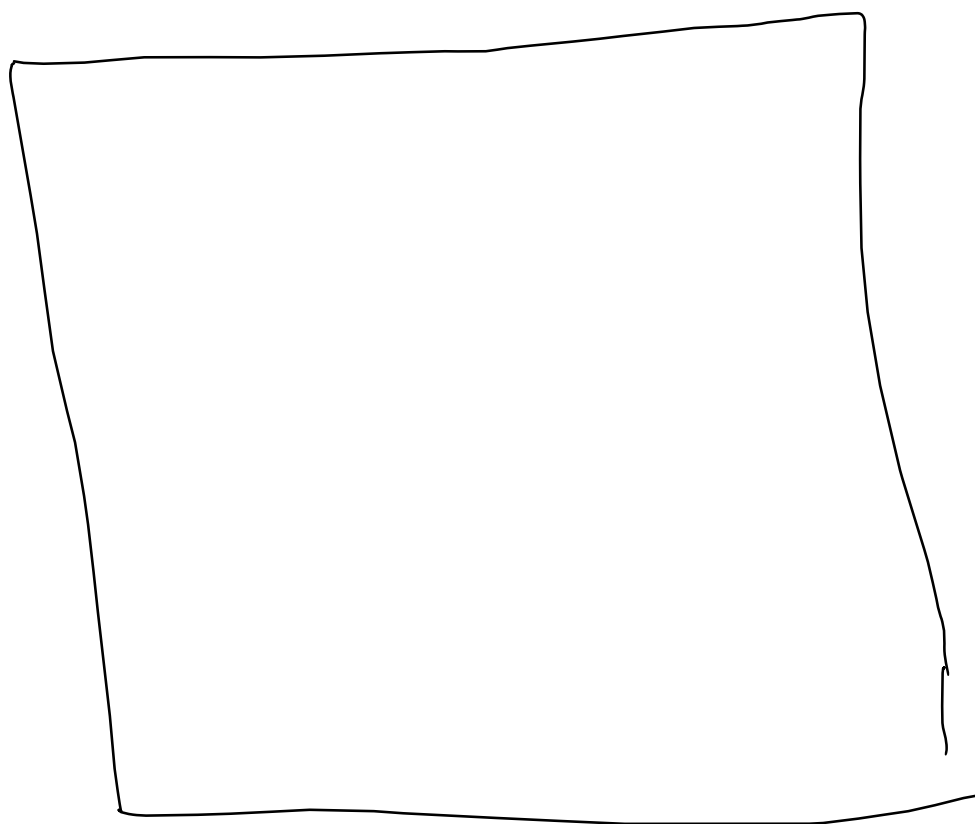
-

~

,

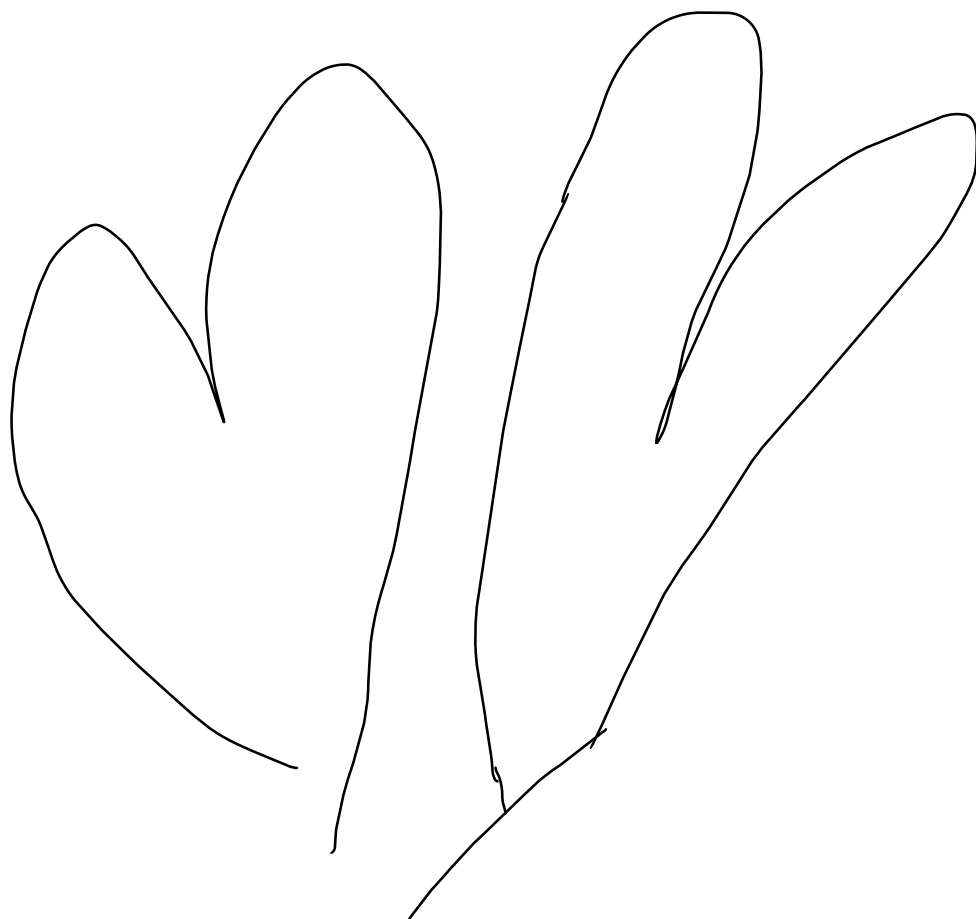
NADA LEVA A
NADA

Não significa as coisas

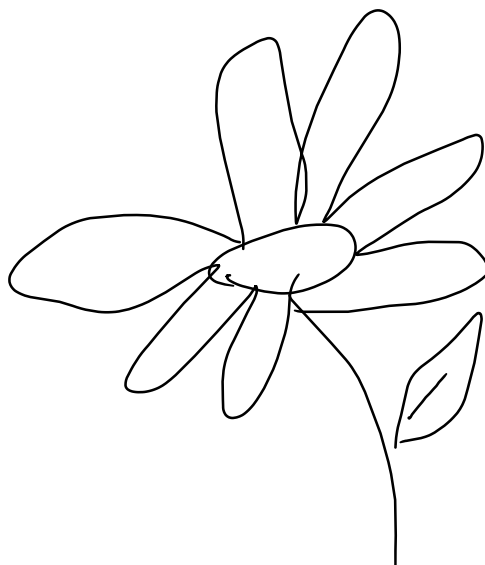
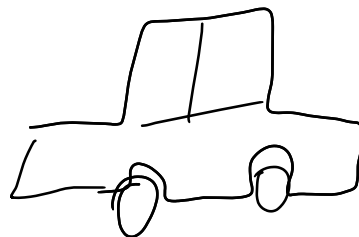
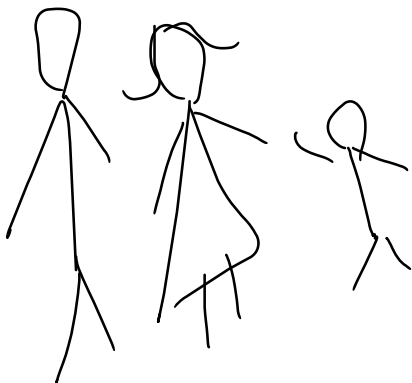
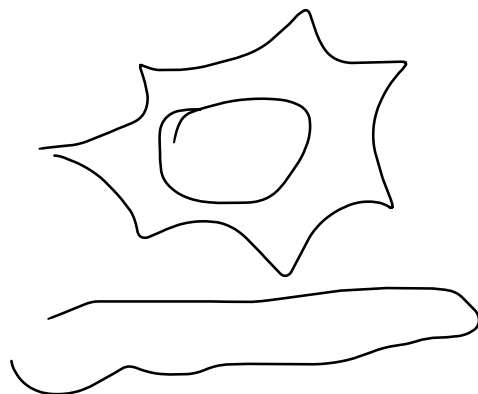
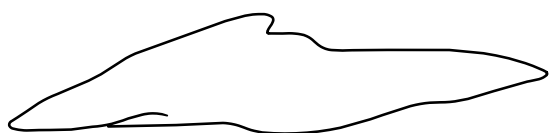


Encontre sua

alma gêmea



Siga seus sonhos



Saya peling



desCONSIDERAÇÕES FINAIS



23 - “Sintomas da forma moderna, contemporânea, que vem assumindo a misologia como aversão ao conhecimento, à crítica, ao argumento pretensamente razoável.”

[...]

“A misologia não foi concebida, fundamentalmente, como ódio à razão, mas como culto à desordem, ao caos, à desmedida, ao desequilíbrio, ou seja, à desproporção, à injustiça, à feiura e à embriaguez; como ódio à política, ao comum, à humanidade; em uma palavra: como uma forma de misantropia, sua irmã, conforme Platão (*Fedon*), posteriormente acompanhado por Kant (*Fundamentação da metafísica dos costumes*) e Hegel (*Enciclopédia*)”.

A misologia²³ difundida nos tempos modernos aniquila, tritura e pulveriza as mentes de indivíduos discrepantes e anormais que, lobotomizados, ao menos servem de algo proveitoso e lucrativo. Com este objetivo, para algo suficientemente prazeroso ao sistema capitalista vigente, os altares e ilusões aqui evidenciadas são a muleta de apoio da liquidação de explicações plausíveis e lógicas das razões. Apoiase cegamente as religiosidades provedoras dessa aversão ao raciocínio causadora da destruição generalizada da vida em sociedade responsável pela pós-morte de humanos irregulares.

Deslembrar o mundo e olvidar-se de si são lembretes diários feitos por terceiros ao som de falas conformistas, motivacionais, superadoras, positivas, otimistas, de autoajuda e negacionistas, destroçam cada neurônio vivo que cicatrizam e provocam, a princípio, cirrose cerebral com a possibilidade de agravamento, desenvolvendo outras doenças mentais e posteriormente a morte. Como um tratamento precoce, este guia servirá para a sobrevivência carnal do ser. A remoção da capacidade de pensar para que a vida seja uma possibilidade.

24 - *Filosofia: crítica, logofilia e misologia*, Ruy de Carvalho, Revista Lampejo, 2019, pg. 8-13.

“*O desmascaramento funcionaria mais ou menos como uma espécie de crítica da hipocrisia, da ideologia, das ilusões*”²⁴

- Ruy de Carvalho

Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões? Qual é o papel de uma ilusão neste mundo? No final do século XX e início do século XXI, o capitalismo passou por mudanças, o que não implica modificação em seus fundamentos ou que estamos vivendo numa nova sociedade, que pudesse ser chamada de sociedade do conhecimento. A assim chamada sociedade do conhecimento é uma ideologia criada pelo capitalismo. (DUARTE, 2003).

Esta ilusão existe para enfraquecer críticas ao capitalismo e a luta por uma revolução que o supere. Newton Duarte, anuncia e enuncia cinco²⁵ ilusões da sociedade do conhecimento:

25 - Seu detalhamento foge aos limites deste trabalho.

- Primeira ilusão: o conhecimento nunca esteve tão acessível como hoje, isto é, vivemos numa sociedade na qual o acesso ao conhecimento foi amplamente democratizado pelos meios de comunicação, pela informática, pela internet etc.
- Segunda ilusão: a capacidade para lidar de forma criativa com situações singulares no cotidiano, ou, como diria Perrenoud, a habilidade de mobilizar conhecimentos, é muito mais importante que a aquisição de conhecimentos teóricos, especialmente nos dias de hoje, quando já estariam superadas as teorias pautadas em metanarrativas, isto é, estariam superadas as tentativas de elaboração de grandes sínteses teóricas sobre a história, a sociedade e o ser humano.
- Terceira ilusão: o conhecimento não é a apropriação da realidade pelo pensamento, mas sim uma construção subjetiva resultante de processos semióticos intersubjetivos, nos quais ocorre uma negociação de significados. O que confere validade ao conhecimento são os contratos culturais, isto é, o conhecimento é uma convenção cultural.
- Quarta ilusão: os conhecimentos têm todos o mesmo valor, não havendo entre eles hierarquia quanto à sua qualidade ou quanto ao seu poder explicativo da realidade natural e social.
- Quinta ilusão: o apelo à consciência dos indivíduos, seja por meio das palavras, seja por meio dos bons exemplos dados por outros indivíduos ou por comunidades, constitui o caminho para a superação dos grandes problemas da humanidade. Essa ilusão contém uma outra, qual seja, a de que esses grandes problemas existem como consequência de determinadas mentalidades. As concepções idealistas da educação apoiam-se todas em tal ilusão. Essa é a razão da difusão, pela mídia, de certas experiências educativas tidas como aquelas que estariam criando um futuro melhor pela preparação das novas gerações. Assim, acabar com as guerras seria algo possível por meio de experiências educativas que cultivem a tolerância entre crianças e jovens. A guerra é vista como consequência de processos

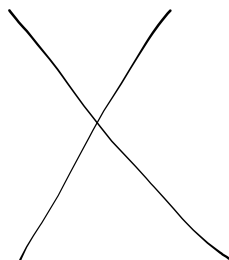
primariamente subjetivos ou, no máximo intersubjetivos. Nessa direção, a guerra entre os Estados Unidos da América e Afeganistão, por exemplo, é vista como consequência do despreparo das pessoas para conviverem com as diferenças culturais, como consequência da intolerância, do fanatismo religioso. Deixa-se de lado toda uma complexa realidade política e econômica gerada pelo imperialismo norte-americano e multiplicam-se os apelos românticos ao cultivo do respeito às diferenças culturais. (DUARTE, 2003, pg. 14-15).

A quinta ilusão condensa este trabalho, a romantização dos problemas e exclusão da realidade para fortalecer discursos amistosos de superação, aceitação e esperança num cenário apocalíptico onde tudo está corroído e caindo aos pedaços apenas intensifica e prolonga a destruição generalizada, afinal, “vamos superar” e “amanhã vai ser melhor”, mas este amanhã nunca chega se todos os dias são iguais.

“É preciso, também, estar atento para não cair na armadilha idealista que consiste em acreditar que o combate às ilusões pode, por si mesmo, transformar a realidade que produz essas ilusões. Como escreveu Marx: “conclamar as pessoas a acabarem com as ilusões acerca de uma situação é conclamá-las a acabarem com uma situação que precisa de ilusões”. (DUARTE, 2003).

Expresso que tenho consciência das limitações e das sobrecargas deste trabalho. Não é difícil notar que isso exigiria bem mais do que uma monografia. Entretanto, mesmo tendo consciência desse fato, optei por ao menos iniciar o debate, usando, para isso, o recurso da provocação afogada em escárnio e hipérboles.

Por fim, não posso deixar de salientar que meu objetivo aqui não foi e não poderia ser o de abordar todas as facetas dos diálogos aqui iniciados. Meu intento foi unicamente o de expurgar pensamentos sobre a vida em sociedade na produção de um manual de lobotomia/guia de campo para convivência entre seres humanos que pudesse oferecer possibilidades de debates simultaneamente a proposta de libertar-se de métodos rígidos na produção e obtenção de conhecimento para ampliar horizontes num processo dialético com a realidade.



POŚ-MORTOS

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

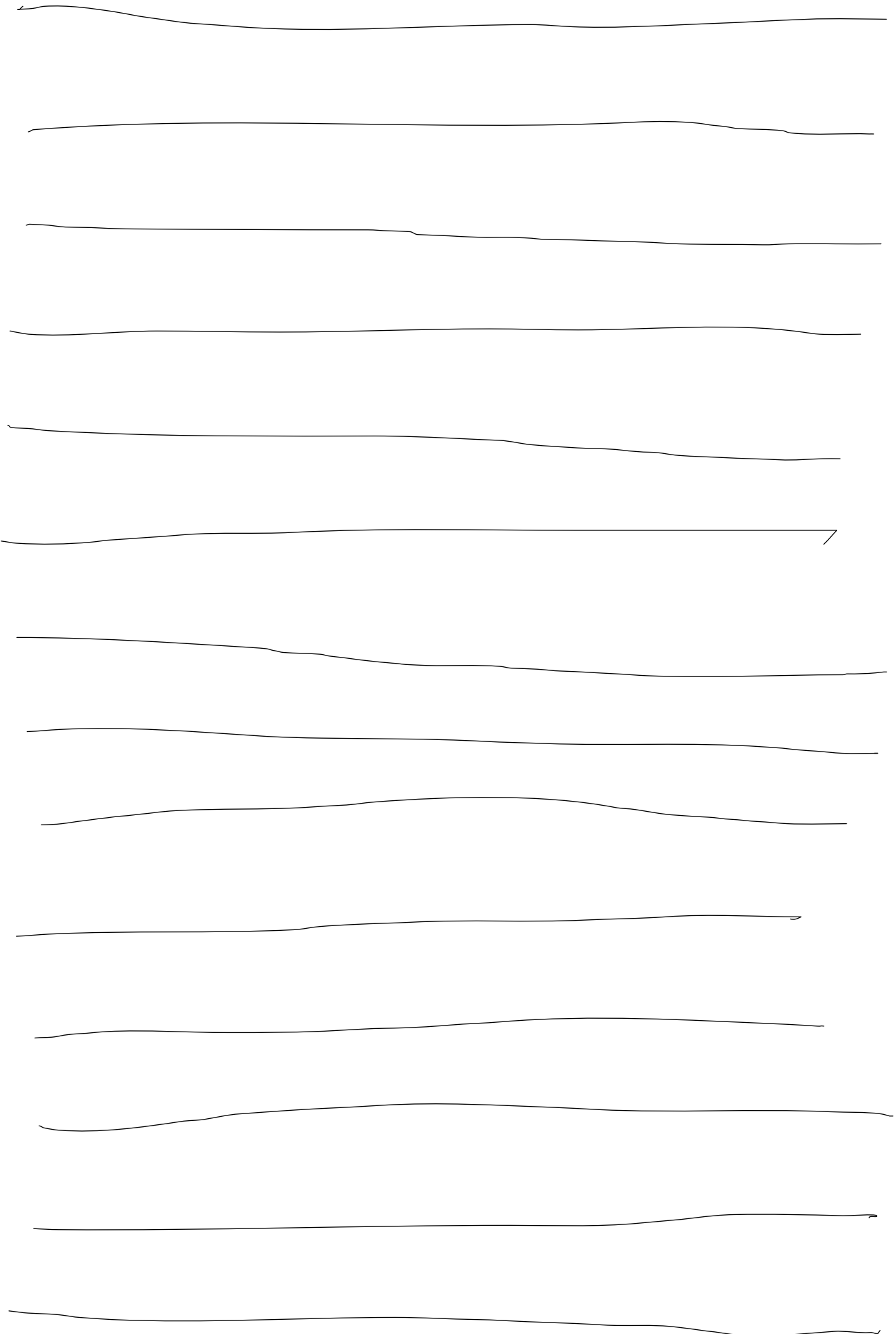
Handwritten wavy line

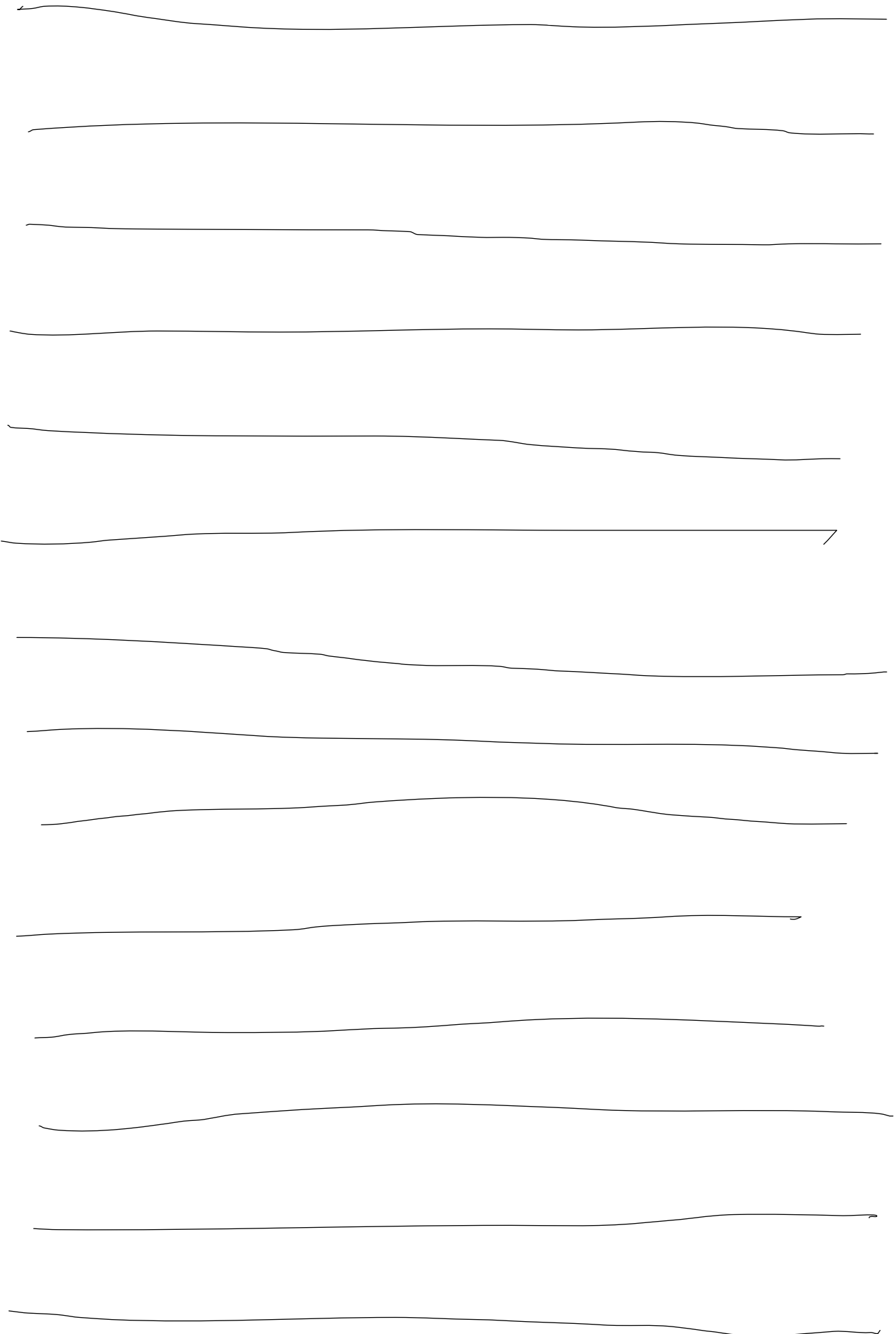
Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten lines on a page, possibly representing a list or a series of notes. The lines are horizontal and vary slightly in length and position, suggesting they were written by hand. There are 14 lines in total, with some lines having small marks or arrows at their ends.

Handwritten lines of text, mostly illegible due to blurring and low contrast. The lines are arranged in a vertical column, with some lines ending in arrowheads pointing to the right.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mariléa. *bell hooks. Mulheres na Filosofia*, 2019. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/>> Acesso em: 10 de novembro de 2021.

BARRETO, Antônio Carlos., *Leucotomia Pré-Frontal A Egas Moniz, Técnica, Resultados Imediatos E Tardios em 100 Casos*. São Paulo: 1945.

BARRETO, Antônio Carlos., *Lobotomia Pré-Frontal*. São Paulo: 1945.

CAPELLARI, Marcos, Alexandre. *O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c.1970)*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

CARVALHO, Ruy. *Filosofia: crítica, logofilia e misologia*, Revista Lampejo, 2019, pg. 8-13. Disponível em <http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/?page_id=1630>.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A. *Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira*. São Paulo: Editora Interface, 2007.

DUARTE, Newton. *Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões? Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação*. Campinas: Autores Associados, 2003.

EHRENREICH, Barbara. *Sorria: como a promoção incansável do pensamento positivo enfraqueceu a América*. Rio de Janeiro: Record 2013.

FACCHI, Cleber *Críticas: Teto Preto: “Pedra Preta”*. **Música Instantânea**, 2018. Disponível em: <<http://musicainstantanea.com.br/resenha-pedra-preta-teto-preto/>> Acesso em: 10 de novembro de 2021.

FACCHI, Cleber *Resenha: “Jessica Rabbit”, Sleigh Bells*. **Música Instantânea**, 2016. Disponível em: <<http://musicainstantanea.com.br/resenha-jessica-rabbit-sleigh-bells/>> Acesso em: 10 de novembro de 2021.

FERREIRA, Aurélio. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. ed.2. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986

GOHN, M. G. *Educação Não Formal no Campo das Artes*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

HALBERSTAM, Jack. *A Arte Queer do Fracasso*. Pernambuco: Cepe, 2020.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. *Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

KANT, Immanuel. *A Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Portugal: Edições 70, 2007.

_____. Fundamentação da metafísica dos costumes. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. *Civilistica.com*. Rio de Janeiro, a. 3, n. 1, jan.-jun./2014. Disponível em: <<https://civilistica.com/fundamentacao-da-metafisica-dos-costumes/>>.

MAJEWSKI, Greg. *A Diferença entre EP, LP e single, em plataformas como Spotify e Apple Music*. **SomosMusica**, 2019. Disponível em: <<https://somosmusica.cdbaby.com/o-que-e-um-ep/>> Acesso em: 10 de novembro de 2021.

MASIERO, A. L.: *A lobotomia e a leucotomia nos manicômios brasileiros*. História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. 10(2): 549-72, maio-ago. 2003.

MENEZES, Maria Célia de.: *O MITO DO AMOR ROMÂNTICO. FRAGMENTOS DE CULTURA*, Goiânia, v. 17, n. 5/6, p. 539-572, maio/jun. 2007.

MISTRY, Anupa. *Grimes Miss Anthropocene*. **PITCHFORK**, 2020. Disponível em: <<https://pitchfork.com/reviews/albums/grimes-miss-anthropocene/>> Acesso em: 10 de novembro de 2021.

MOREY, Joan. *Misa Negra: OBEY Humilhados & Ofendidos Three Dead End Adjacent Tunnels, Not Connected*. 24h. Barcelona: CGAC, 2007-2009.

OLIVEIRA, William Vaz de. A fabricação da loucura: contracultura e antipsiquiatria. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.141-154.

POERNER. Bárbara *Teto Preto lança novas faixas, formação e imagem na casa de criadores*. **ELLE**, 2021. Disponível em: <<https://elle.com.br/moda/teto-preto-apresenta-nova-formao/particle-5>> Acesso em: 10 de novembro de 2021.

SALLEH, M.A.; PAPAKOSTAS, I.; ZERVAS, I.; CHRISTODOULOU, G. *Eletroconvulsoterapia: critérios e recomendações da Associação Mundial de Psiquiatria*. Rev. Psiqu. Clín. 33 (5); 262-267, 2006

SEDGWICK, Sally. *A Fundamentação da Metafísica dos Costumes: Uma chave de leitura*. ed.1. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017

SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SOUZA, Elias A. Prefácio à Fundamentação da Metafísica dos costumes. **DireitoNET**, 2004. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1521/Prefacio-a-Fundamentacao-da-Metafisica-dos-Costumes>>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

YÜN, *Budismo Significados Profundos, Venerável Mestre Hsing*
Editora Escrituras, 2ª edição revisada e ampliada, São Paulo, dezembro de 2011.

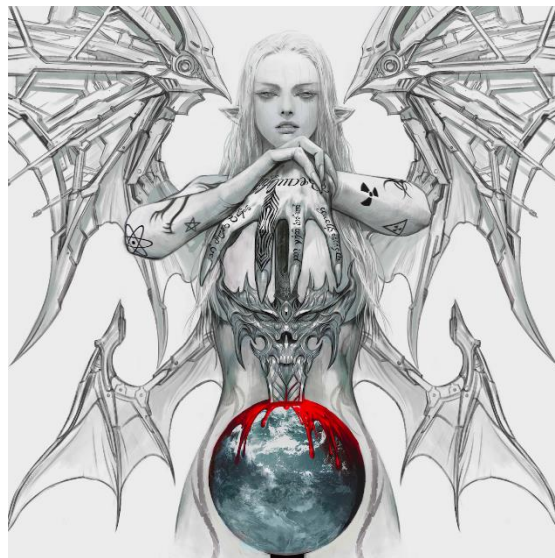
rEFERÊNCIAS dE iMAGENS

Figura 1 – Yahn, Mario; Krynski, Stanislau; Pimenta, Aloysio Mattos e Sette Jr, Afonso *Leucotomia pré-frontal em menores. Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, VII: 4, pp. 349-70. dez. 1949.

Figura 2 – BARRETO, Antônio Carlos., *Leucotomia Pré-Frontal A Egas Moniz, Técnica, Resultados Imediatos E Tardios em 100 Casos*. São Paulo: 1945

Figura 3 – Rast, M. Looking Back: Interpreting lobotomy – the patients' stories, *The Psychologist*, 2014, Disponível em <<https://thepsychologist.bps.org.uk/volume-27/january-2014/looking-back-interpreting-lobotomy---patients-stories>>.

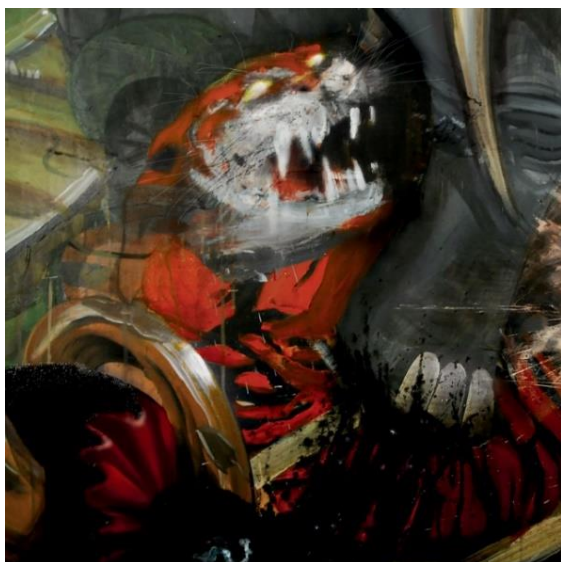
aNEXO A – CAPA DOS ALBUMS



GRIMES - MISS ANTHROPOCENE, 2019.



TETO PRETO - PEDRA PRETA 2018.



SLEIGH BELLS - JESSICA RABBIT 2016.

aNEXO B - TRADUÇÃO LIVRE DE “*IT’S JUST US NOW*” DE SLEIGH BELLS

Linha de partida, agora estou realmente, realmente correndo
 Pisando em gargantas, grampeando os joelhos
 Toda essa carne e sangue
 Na realidade
 Eu posso ver o sol
 Descendo tão rapidamente
 Livre de destroços
 Para baixo lambendo ruas
 Eu acredito profundamente em decência (indecência)
 E quando estou consciente, estou amaldiçoado
 Dentes de tubarão do tamanho de picapes
 Toda essa carne e sangue
 Na realidade

E quando você morrer
 Eu quero morrer, eu quero morrer com você
 E nos deitar para sempre
 E nos deitar para sempre

Ainda arrasado por uma sinfonia
 Eu preciso de algo quente
 Como uma explosão a jato
 Brisa fresca, resfriamento
 Estou em tempos difíceis
 Lembrando o que é importante para mim
 Uma vida inteira apenas esperando
 Por momentos como estes
 (Uma vida inteira apenas esperando)
 Por momentos como estes
 (Uma vida inteira apenas esperando)
 Por momentos como estes

E quando você morrer
 Eu quero morrer, eu quero morrer com você
 E nos deitar para sempre
 E nos deitar para sempre
 E quando você morrer
 Eu quero morrer, eu quero morrer com você
 E nos deitar para sempre
 E nos deitar para sempre

Toda essa carne e sangue
 Na realidade
 Toda essa carne e sangue
 Na realidade
 Toda essa carne e sangue
 Na realidade
 Toda essa carne e sangue
 Na realidade

aNEXO C – TRADUÇÃO LIVRE DE “*BLUE TRASH MATTRESS FIRE*” DE SLEIGH BELLS

Eu costumava beber gasolina de manhã
E no meio do dia no trampolim
Sonhos de verão, Billie Jean
Isso deixou manchas no jeans
E as chuvas vieram como um trem de carga
Piscinas cheias com chuva ácida
Levantar o inferno, danificar, beber

Vou fazer isso, vou pular
Não por diversão, não por diversão
Mas porque essa merda é demais
Está me fodendo
Já é suficiente
Já é suficiente

Evidência de desvios morais
Nas guerras santas do centro
Profundidades históricas de ódio casual
Ocorrendo em lugares cotidianos
Rindo histericamente
Nas comédias e nas tragédias
Lixo branco, chama azul
Lixo azul, raiva vermelha

Vou fazer isso, vou pular
Apenas por diversão, apenas por diversão
Porque droga, essa merda é demais
Está me fodendo
Já é suficiente
Já é suficiente

Eu costumava beber gasolina de manhã

Eles querem que a gente pule
Apenas por diversão, apenas por diversão
Só para assistir
Essa merda é demais
Está nos fodendo
Já é suficiente
Já é suficiente